



**PROGRAMA DE MESTRADO EM GESTÃO E PRÁTICAS EDUCACIONAIS
(PROGEPE)**

CLAUDIA NOLLA DE FREITAS BATISTA

**A LINGUAGEM CORPORAL COMO PROMOTORA DA
APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

SÃO PAULO

2018

CLAUDIA NOLLA DE FREITAS BATISTA

**A LINGUAGEM CORPORAL COMO PROMOTORA DA
APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação *Stricto Sensu* em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), como requisito para qualificação e obtenção posterior do título de mestrado em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Maria Haddad Baptista.

São Paulo

2018

Batista, Claudia Nolla de Freitas.

A linguagem corporal como promotora da aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental. / Claudia Nolla de Freitas Batista. 2018.109 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2018.

Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª. Ana Maria Haddad Baptista.

1. Linguagem Corporal. 2.Linguagem. 3. Aprendizagem. 4. Ensino Fundamental.

I. Baptista, Ana Maria Haddad. II. Título.

CDU 372

CLAUDIA NOLLA DE FREITAS BATISTA

**A LINGUAGEM CORPORAL COMO PROMOTORA DA APRENDIZAGEM NAS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação *Stricto Sensu* em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), como requisito para qualificação e obtenção posterior do título de mestrado em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Ana Maria Haddad Baptista – UNINOVE
Orientadora

Professor Doutor Ademir De Marco – UNICAMP
Titular

Professora Doutora Márcia Felismino Fusaro – UNINOVE
Titular

Professor Doutor Maurício Silva – Universidade Nove de Julho – UNINOVE
Suplente

Professora Doutora Diana Navas – PUC-SP Suplente

Aos homens da minha vida: Zé Carlos, Thiago, Gustavo e

Felipe.

Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Ana Maria Haddad Baptista, por incentivar sempre minha vida acadêmica, por acreditar, por lutar junto. O caminho foi longo, mas, conseguimos chegar. Aos professores que contribuíram com minha formação acadêmica no PROGEPE da UNINOVE.

À professora Márcia Fusaro por aceitar compor essa banca e por contribuir com sua sabedoria e delicadeza ao tratar do tema.

Ao meu querido amigo Ademir De Marco, que tanto admiro como acadêmico mas sobretudo pelo ser humano que ele é.

À minha amada irmã, que sempre esteve ao meu lado apoiando a realização destes estudos.

À minha querida amiga Suélen Pontes, por toda paciência e amizade.

RESUMO

A linguagem é, na maioria das vezes, compreendida apenas como escrita ou falada, mas existem outras formas de linguagens, como a musical, a cinematográfica, a teatral e a corporal, objeto deste estudo. Esta dissertação de mestrado tem como principal objetivo proporcionar a compreensão da linguagem corporal e seus significados para uma aplicação efetiva das atividades pedagógicas nas séries iniciais do ensino fundamental. Os autores fundadores desta pesquisa são: Noam Chomsky, Charles Sanders Peirce, para compreensão da linguagem;

Jocimar Daolio, Carmem Lúcia Soares, João Batista Freire, Denise Sant'Anna, Lúcia Santaella, para abordagem com maior profundidade da linguagem corporal; Vygotsky e Piaget, sobre educação e aprendizagem; Paul Schilder, Maria da Conceição Tavares, para o entendimento da imagem corporal. A metodologia da presente pesquisa é de natureza qualitativa, na qual optamos pelo método de *estudo de caso*, apoiados em Robert Yin. O universo da pesquisa foi representado por uma escola pública, de período integral, e os sujeitos são professores das séries iniciais do ensino fundamental. A partir de um questionário estruturado, aplicado a 15 participantes, procuramos identificar: o que se entende por linguagem corporal e como esta pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, como os sujeitos trabalham com a linguagem corporal em suas aulas. De acordo com a análise dos obtidos, verificamos que os professores têm uma visão reducionista do que seja a linguagem corporal. O trabalho com o corpo se resume a proporcionar ao aluno relaxar e acalmar, para que a aula continue seguindo, dentro da estratégia estabelecida. Apesar da compreensão de que o trabalho corporal é relevante para o desenvolvimento global dos alunos, percebemos a dificuldade de sua aplicabilidade, enquanto recurso de ensino-aprendizagem. Sendo assim, esta pesquisa permite, ainda, proporcionar aos docentes uma melhor compreensão do que é a linguagem corporal, bem como sua contribuição e aplicação dentro do âmbito escolar, para melhor e mais prazeroso desenvolvimento das diversas disciplinas, contribuindo desta maneira com a formação de pessoas completas, em suas múltiplas vivências.

Palavras-chave: Linguagem Corporal. Linguagem. Aprendizagem. Ensino fundamental.

ABSTRACT

Language is mostly understood as written or spoken, but there are other types of language, such as musical, cinematic, theatrical and body language, which is subject of this article. This dissertation seeks to comprehend body language and its meanings and how it applies to pedagogical activities within the elementary school. The primary authors used during the research are: Noam Chomsky, Charles Sanders Peirce, for language comprehension; Jocimar Daolio, Carmem Lúcia Soares, João Batista Freire, Denise Sant'Anna, Lúcia Santaella, for body language approaching; Vygostky and Piaget, over education and learning; Maria da Conceição Tavares, Paul Shilder, for body imagery comprehension. The methods within the research are from qualitative nature, in which we chose for the *case study* method, supported by Robert Yin. The research cosmos is a public, full-time school, and the analyzed subjects are elementary school teachers. As from an structured questionnaire, applied to fifteen subjects, we seek to identify: what body language means, how the subjects work with body language in their classes. According to the analysis, we verify that teachers have a reductionist perspective over body language. Working with this kind of language is limited to calming and relaxing the students, aiming for class progress and into a stablished strategy. In spite of understanding that body work is relevant for children's global development, applying this resource as an educational one has viability difficulties. Therefore, this research allows teacher to have a further comprehension over body language, as well as its contribution and application within scholar scopes, aiming a better and more pleasant development of each discipline, contributing for a more complete formation in its daily basis.

Key words: Body language . Language. Learning. Elementary School.

RESUMEN

El lenguaje es, en su mayoría, comprendida solamente como escrita o hablada, más existen otras formas de lenguaje, como musical, cinematográfica, teatral y corporal, que es el objeto de este estudio. Esta disertación de master tiene el objetivo principal de proporcionar la comprensión del lenguaje corporal y sus significados para una aplicación efectiva de las actividades pedagógicas en las series iniciales de la escuela primaria. Los autores que fundamentan esta pesquisa son: Noam Chomsky, Charles Sanders Peirce, para comprensión del lenguaje; Jocimar Daolio, Carmem Lúcia Soares, João Batista Freire, Denise Sant'Anna, Lúcia Santaella, para enfoque con mayor profundidad del lenguaje del cuerpo; Vygotsky y Piaget, sobre educación y aprendizaje; Maria da Conceição Tavares, Paul Schilder, para el entendimiento de la imagen corporal. La metodología de la presente pesquisa es de carácter cualitativo, en la cual optamos por el método de estudio del caso, apoyados en Robert Yin. El universo de la pesquisa es una escuela pública, de tiempo completo, y los sujetos son los maestros de las series iniciales de la escuela primaria. A partir de un cuestionario estructurado, aplicable a 15 sujetos, buscamos identificar: lo que se entiende por lenguaje corporal, cómo el lenguaje corporal puede contribuir para el proceso de enseñanza-aprendizaje, cómo los sujetos trabajan con el lenguaje corporal en sus clases. De acuerdo con el análisis, constatamos que los maestros tienen una visión reduccionista de lo que sea el lenguaje corporal. El trabajo con el cuerpo se reduce a proporcionar al alumno relajarse y calmarse, para que la clase prosiga siguiendo, dentro de la estrategia establecida. A pesar de la comprensión de que el trabajo corporal es relevante para el desarrollo global de los alumnos, notamos la dificultad de su aplicabilidad, como recurso de enseñanza-aprendizaje. Por tanto, esta pesquisa permite, aún, proporcionar a los docentes una mejor comprensión de que es el lenguaje corporal, así como su contribución y aplicación dentro del ámbito escolar, para un mejor y más agradable desarrollo de las diversas disciplinas, contribuyendo de esta manera con la formación de personas completas, en suyas múltiples vivencias.

Palabras-clave: Lenguaje corporal. Lenguaje. Aprendizaje. Escuela primaria.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Corpo e poesia	14
Imagem 2 – Linguagem, corpo e sinfonia	18
Imagem 3 – Construindo movimento	24
Imagem 4 – Expressividade	24
Imagem 5 – Comunicação e interação	24
Imagem 6 – Dança circular	26
Imagem 7 – Corpos que falam	28
Imagem 8 – Árvore humana	31
Imagem 9 – Dança contemporânea	32
Imagem 10 – A beleza do gesto.....	35
Imagem 11 – Brincadeira de roda.....	36
Imagem 12 – Vivenciando movimento	37
Imagem 13 – Falando com o corpo	37
Imagem 14 – Introspecção	40
Imagem 15 – Homem vitruviano	41
Imagem 16 – Representação da natureza humana	42
Imagem 17 – Conflito do corpo	43
Imagem 18 – O corpo mudo	45
Imagem 19 – Dinâmica do corpo	46
Imagem 20 – Corpo e cultura	47
Imagem 21 – A pedagogia corporal	51
Imagem 22 – Ilusão de ótica	53
Imagem 23 – As possibilidades do corpo	54
Imagem 24 – O corpo sem limites	57
Imagem 25 – Alfabeto humano	69

SUMÁRIO

ANEXOS	78
--------------	----

APRESENTAÇÃO

Parece que foi ontem, minha irmã me levando para a aula de ballet a pedido de minha mãe. Eu estava no auge dos meus 4 anos! Começava então meu namoro eterno com a dança, e com todas as possibilidades que o corpo tem para se expressar.

O que mais uma criança deseja, senão rolar, saltar, escalar, girar, cair, levantar? Tudo que a dança me proporcionava.

E segui dançando, sem medo, sem pudores, apenas deixando o corpo falar, até chegar a hora de escolher uma profissão.

Que dúvida: fazer publicidade, profissão de minha irmã (afinal era ela que me levava para as aulas de ballet), ou seguir meu instinto e procurar algo que me aproximasse do movimento? O instinto falou mais alto. Por influência de uma colega de dança, resolvi fazer educação física, uma escolha certa!

Nessa época, eu já dava aulas de ballet e fazia parte de uma companhia de dança. Era minha vida, pois comecei a trabalhar na academia aos 16 anos.

Já na faculdade, dividia meu tempo entre os estudos, as aulas de ballet e os intermináveis ensaios.

Lembro muito de minha mãe falando: “se você repetir de ano, te tiro do ballet!”. Eu então tinha que me desdobrar para dar conta de tudo. E foi o que fiz. Em 1989, eu me formei em educação física, no mesmo ano em que perdi minha mãe! O sonho dela sempre foi me ver formada, e viu, do céu. Eu estava com 21 anos, e começava um novo namoro com a área docente.

Fui fazer pós-graduação em educação física escolar, na mesma instituição em que me formei. Quase no final do curso, eu me vi grávida, pois nessa época já namorava um amigo também da dança, que foi meu grande incentivador para seguir a carreira acadêmica. O amigo se transformou em amor, marido e pai dos meus três filhos.

Precisei me afastar dos estudos por um tempo, mas nunca da dança e do movimento.

Mudei de cidade duas vezes. Eu me formei em gastronomia, mas a minha paixão por lecionar nunca me abandonou.

Voltando para São Paulo, fui chamada para substituir uma professora, que estava de licença maternidade, na UNINOVE. Caí de amores pela graduação. Amor esse que permanece

até hoje. Com meus filhos ingressos na vida escolar, pude observar a inquietação deles no que dizia respeito às normas da escola, “mãe, não pode correr, não pode se levantar, querem que a gente seja uma estátua!”. A partir desse momento, percebi como a escola molda a criança, tolhendo e reprimindo qualquer manifestação de movimento, a não ser nas aulas de educação física, claro.

A inquietação dos meus filhos passou a ser a minha. Por que não usarmos a linguagem corporal como instrumento de aprendizagem? O corpo é movimento, então porque mantê-lo preso a uma carteira, enfileirado, apenas com a visão da nuca do colega que está a sua frente?

Percebi claramente que essa condição de corpo-estático precisava ser modificada. Eu me senti instigada a encontrar um caminho para que o corpo pudesse participar mais ativamente no processo de aprendizagem, por meio da linguagem corporal, não só nas aulas de educação física. E sigo no processo da busca, ao encontro desse caminho.

INTRODUÇÃO

Pode-se afirmar que existe na contemporaneidade a confluência de diversas formas de linguagem e que devem ser melhor estudadas. As manifestações corporais sempre estiveram presentes nas várias fases da história da humanidade. Como exemplo, citamos os famosos poetas da antiguidade que declamavam seus poemas acompanhados da lira e com expressões corporais.

A expressão corporal potencializava a poesia ouvida nas grandes festas em que os poemas eram feitos para ser ouvidos e declamados. Conforme a linguagem verbal foi tomando novos rumos e contornos, o corpo foi, gradativamente, construindo uma nova história.

Ao considerar o ser humano que realiza movimento, essa proposta passa a reconhecer as significações culturais e a intencionalidade do movimento humano. Partindo da hipótese de que o corpo não está separado do mundo, queremos dizer que existe um entrelaçamento entre corpo, natureza, cultura. Portanto a linguagem corporal, enquanto promotora da aprendizagem, poderá auxiliar na compreensão e na apreensão dos diversos conteúdos.

Sendo assim, este estudo tem como objetivo possibilitar a compreensão do corpo e suas linguagens enquanto um valioso recurso de aprendizagem. Na perspectiva de que toda ação do ser humano possui e é regida por significados em sua evolução histórico-cultural, podemos dizer que, em grande parte, a linguagem corporal, sobre os diferentes enfoques e conceituações, pode ser fundamental ao desenvolvimento do ser humano, como estudo dos significados para as ações educacionais, utilizados como arte, representados pela poesia, pela música, pela dança, pelas atividades rítmicas corporais.

As referências feitas neste estudo podem servir como um ponto de partida para os profissionais da área da educação poderem atuar com um diferencial, na medida em que possuírem diversas ferramentas pedagógicas que os possibilitem a promoção de novos caminhos para uma melhor aprendizagem. Ao pensarmos na melhoria corporal do aluno em sala de aula, precisamos, antes de tudo, pensar em como desenvolver um trabalho de percepção corporal com os professores, a fim de que ao vivenciar seu corpo, ele seja capaz de propor essa vivência ao seu aluno. Desta forma, buscamos compreender que este processo permite um reconhecimento maior sobre o ser humano e suas manifestações corporais e sua inserção nas ações educacionais. Reforçamos nosso entendimento na visão de Daolio (1995a, p. 22), que diz:

Ao se pensar o corpo, pode-se incorrer no erro de encará-lo como puramente biológico, um patrimônio universal sobre o qual a cultura escreveria histórias diferentes. Afinal, homens de nacionalidades diferentes apresentam semelhanças físicas. Entretanto, para além das semelhanças ou diferenças físicas, existe um conjunto de significados que cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo, significados estes que definem o que é corpo de maneiras variadas.

No primeiro capítulo, nosso estudo tem como pressuposto a realização, o registro e o entendimento sobre a linguagem corporal das crianças, na fase de transição da educação infantil para os anos iniciais do ensino fundamental, e proporcionar aos professores que atuam com essas crianças a interlocução de uma práxis que permita o conhecimento dessa “linguagem corporal”, permitindo desta forma que estas ações sejam facilitadoras do processo de ensinoaprendizagem. Para isto, neste primeiro momento, trataremos da compreensão sobre a linguagem e a poeticidade das suas concepções, bem como sua abordagem rítmica e corporal.

Abordamos o corpo e sua história no segundo capítulo, desde a medicina hipocrática, na qual o corpo era submetido aos desígnios sagrados, passando pelo período medieval, pelo renascimento, avançando pelo período maneirista e barroco e posteriormente ao século XX, lugar de experiências e explorações, momento em que os vínculos entre o corpo e os aspectos religiosos, geográficos, temporais, morais e genéticos já não estão tanto em evidência. A questão da imagem corporal será discutida partindo da vivência dos professores, e de sua atuação no âmbito escolar, bem como sua aplicabilidade.

O terceiro capítulo é uma descrição do percurso metodológico da pesquisa, no qual iremos utilizar a abordagem qualitativa, e o método será o “estudo de caso”. Foi desenvolvido por meio de questionário estruturado aplicado aos professores das séries iniciais do ensino fundamental. O universo da pesquisa é uma escola pública.

No quarto capítulo, foi feita uma triangulação dos dados empíricos com a nossa referência teórica, no intuito de aprofundar a análise da utilização da linguagem corporal como elemento pedagógico no processo de aprendizagem.

1 CAPÍTULO I – A POÉTICA DO CORPO

Imagem 1 – Corpo e poesia



Fonte: Ludovic Florent (2014)

1.1 Linguagem

Falar é um ato natural do ser humano. Falamos a todo instante, mesmo sem emitir qualquer som, acordados ou sonhando, quando lemos ou apenas quando estamos escutando. Falar não requer nenhuma vontade especial, é próprio da natureza humana. O homem é o único ser vivo dotado de linguagem, é o que nos difere de plantas e animais. Conforme nos esclarece Heidegger (2003, p. 24),

Quando a atenção se volta exclusivamente para a fala humana, quando se toma a fala humana como mera emissão sonora da interioridade humana, quando se considera essa representação da fala como a própria linguagem, a essência da linguagem só consegue manifestar-se como expressão e atividade do homem. Como fala dos mortais, a fala humana nunca repousa, porém, em si mesma. O falar dos mortais repousa na relação com o falar da linguagem.

Nesse sentido, Heidegger (2003, p. 24) complementa que a “Fala é expressão e comunicação sonora de movimentos da alma humana. Esses movimentos são acompanhados

por pensamentos”. Partindo dessa perspectiva, consideram-se três caracterizações para a linguagem:

- a) fala é expressão, linguagem é expressão, um interior que se exterioriza. A linguagem como expressão é a sua mais habitual representação;
- b) falar é uma atividade humana, o homem fala, e sempre fala uma língua. Quem fala é o homem, a promessa da linguagem. Nesse sentido, então, não podemos dizer que a linguagem fala;
- c) a expressão do homem é uma representação e apresentação do real e do irreal. Entende-se que, por meio da linguagem, o homem expressa e apresenta o seu entendimento de mundo.

Não pretendemos reduzir as considerações sobre a linguagem, anteriormente mencionadas; somente as citamos como ponto de partida para uma possível observação da amplitude de sua essência.

Desse modo, a biologia, a sociologia, a teologia, a filologia, a antropologia filosófica, a psicopatologia, a poética, assim como outros estudos relacionados ao homem, poderão nos fornecer um maior esclarecimento e uma descrição mais abrangente sobre os fenômenos da linguagem.

Mesmo o homem sendo um ser de linguagens, não nasceu falando, escrevendo e lendo. Antes disso, houve muita vida, e muitas outras formas de expressão, de comunicação e de linguagem. Reconhecer que a única linguagem possível é a língua seria subestimar outras linguagens igualmente importantes para o nosso entendimento e compreensão de mundo. O senso comum, assim como as escolas, tende a valorizar e a credibilizar a linguagem escrita, demonstrando-a como a única detentora da verdade, mas devemos lembrar que todas as linguagens são igualmente importantes. Quando escrevemos algo, socializamos um pensamento, independentemente da vontade de quem escreveu. Materializamos, para fora do homem, sua memória individual.

Ao reconhecer um objeto, os brinquedos na nossa infância, as canções entoadas para dormir, enfim, já sabíamos ler o mundo. Isso significa que tão importante quanto a linguagem verbal é a linguagem das percepções, das sensações, do corpo, da escuta, que contribuem de maneira decisiva na formação do nosso repertório sensório-motor-cognitivo.

Ao indagarmos como teria surgido a linguagem, deparamo-nos com registros de que as primeiras sociedades foram orais. Verificamos isso no pensamento de Chomsky (2006, p. 186),

Isso é adivinhação. Parece ser um absurdo ver a linguagem como uma ramificação dos gritos de primatas não-humanos, pois ela não compartilha nenhuma propriedade interessante com eles, ou com os sistemas gestuais ou com qualquer coisa que conheçamos. Portanto chegamos a um beco sem saída. [...] durante um milhão de anos o cérebro se expandiu; foi ficando maior que o de outros primatas remanescentes, e, em certa fase (de acordo com o que sabemos, por volta de cem mil anos atrás), alguma mudança pode ter ocorrido e o cérebro foi reorganizado para incorporar a faculdade da linguagem. [...]. No caso da linguagem, sabemos que algo aflorou em um processo evolutivo, e não há nenhuma indicação de alguma mudança evolutiva desde que ela aflorou. Ela surgiu certo dia, até onde sabemos, muito recentemente. Não há evidência real referente ao uso da linguagem antes talvez de cinquenta mil anos atrás, ou algo assim.

Cada linguagem tem o seu valor e sua forma representativa de materializar e fixar uma determinada perspectiva. Ao contemplar uma obra de arte, o meu entendimento não será igual à mesma observação, por exemplo, de um espetáculo de dança. A obra de arte nos instiga a contemplar as cores, a simetria de formas; em um ballet, o que fica em evidência é a música, os corpos se movendo no seu compasso, o figurino. No entanto, observamos que as expressões artísticas são colocadas em segundo plano, em se tratando de linguagem.

Sendo assim, refletimos: em que medida a linguagem verbal, em princípio, seria superior ou mais importante que suas outras formas? A língua não é tão perfeita como se imagina, nem superior a outras formas de linguagem. Se fosse perfeita não haveria tantos equívocos e mal-entendidos. Observamos, na reflexão de Borges (2009, p. 79), que

A linguagem é uma série de símbolos rígidos, e supor que esses símbolos são esgotados pelos dicionários é absurdo. [...] supor que há um símbolo para cada coisa é supor que existe o dicionário perfeito. E evidentemente os dicionários são meramente aproximativos, não é?

No início do século XX, um dos grandes pensadores que deram à linguagem um papel central para a filosofia foi Peirce. Para ele, o estudo dos signos é o estudo da linguagem, e o seu ponto de partida são as distinções formuladas entre o falante e o ouvinte, que usam os signos para um determinado propósito, as relações entre o signo e aquilo de que é signo, e

entre o signo. Reforçamos essa fala afirmando que, na visão de Peirce (1894, p. 55¹ apud MARCONDES, 2010, p. 123),

Há três tipos de interesse que podemos ter em uma coisa. Em primeiro lugar, podemos ter um interesse primário na coisa ela própria. Em segundo lugar, podemos ter um interesse na coisa devido à sua reação com outras coisas. E, em terceiro lugar, podemos ter um interesse mediatório na coisa, na medida em que traz à mente uma ideia sobre a coisa. Ao fazer isso, vem a ser um signo [sign] ou representação.

Para Peirce, há três tipos de signos: ícones, índices, símbolos. Para nosso estudo, nós nos atentaremos para o entendimento do símbolo.

Qualquer palavra comum, como “borboleta”, “casa” e “dar” é um símbolo. Em si mesma, não identifica essas coisas, mas associamos a palavra a elas. É a ideia conectada à palavra.

Um símbolo, como vimos, não pode indicar nenhuma coisa em particular, mas denota um tipo de coisa. Não apenas isso, mas é ele próprio um tipo e não uma coisa singular. Alguém pode escrever a palavra “estrela”, mas isso não faz dele o criador da palavra, nem tampouco ao apagá-la isso faz de quem a apaga seu destruidor. A palavra vive na mente daqueles que a utilizam. Mesmo se estiverem todos dormindo, existe em sua memória. (PEIRCE, 2005, p. 77).

Os símbolos, a partir de outros signos, crescem e se desenvolvem ganhando sua existência. É apenas por meio dos signos que pensamos (interpretamos, identificamos e “significamos” as coisas), e é a partir de símbolos que um novo símbolo pode surgir, pelo pensamento, difundindo-se pelos povos por meio da linguagem e fazendo com que o seu significado cresça.

Um símbolo é uma lei ou regularidade do futuro indefinido. Seu interpretante deve obedecer à mesma descrição, e o mesmo deve acontecer com o objeto imediato completo, ou significado. Contudo, uma lei necessariamente governa ou está corporificada em individuais, e prescreve algumas de suas qualidades. Consequentemente, um constituinte de um símbolo pode ser um Índice, e um outro constituinte pode ser um ícone. Um homem que caminha com uma criança, levanta o braço para o ar, aponta e diz: “lá está um balão”. O braço que aponta é uma parte essencial do símbolo, sem a qual este não veicularia informação nenhuma. Mas se a criança perguntar: “O que é um balão?”, e o homem responder: “É algo como uma grande bolha de sabão”, ele torna a imagem uma parte de um símbolo. Assim, embora o objeto completo de um símbolo, quer dizer, seu significado, seja da natureza de uma lei, deve ele denotar um individual e deve significar um caráter. Um

¹ PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Tradução Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2000.

símbolo genuíno é um símbolo que tem um significado geral. (PEIRCE, 2005, p. 71).

Podemos perceber que a arte da linguagem corporal cria certas especificidades que dinamizam e ampliam essa relação da linguagem com o espaço, o tempo e o movimento, que são elementos que possibilitam o desenvolvimento de qualquer linguagem. Essa propriedade da linguagem do corpo de trazer elementos simbólicos, e ao mesmo tempo dinamizar as relações físicas com o espaço, remete ao caráter de totalidade da educação como formação do ser e percepções materiais. Contudo, observamos que a linguagem que não é falada nem escrita só consegue sua mais pura expressão por meio da arte. A arte é a expressão máxima da linguagem não verbal. Os artistas traduzem para os olhos, os ouvidos e para o tato o que jamais a palavra seria capaz. Fica clara essa reflexão nas palavras de John Dewey (2010, p. 167), quando aponta que

Os chamados artistas têm como tema as qualidades de coisas da experiência direta; os investigadores “intelectuais” lidam com essas qualidades a uma certa distância, por intermédio de símbolos que representam qualidades, mas não são importantes em sua presença imediata.

Quando pensamos em termos de imagens, cores, formas ou tons, estamos dando um novo significado ao pensamento, que não se traduz em palavras. O significado de um quadro, uma sinfonia ou um ballet está expresso por meio de sua arte específica. Nem todos os valores e sentidos são monopolizados pela linguagem falada; há qualidades que são apenas percebidas e sentidas por meio da visão da audição e do tato. Fosse assim, as artes, como a pintura, a música e a dança não existiriam.

Imagem 2 – Linguagem, corpo e sinfonia



Fonte: Ken Browar e Deborah Ory (2016)

Nesse caso, Dewey (2010) nos aponta que a linguagem não é a única forma de expressão exata do pensamento. Isso justifica o desenvolvimento de outros modos de expressão, dados em outras áreas, como nas artes, sendo novas experiências que nos ajudam a compreender as distinções da existência das coisas. Além disso, o autor esclarece que

A metáfora proposital na poesia é o recurso da mente quando a emoção não satura o material. A expressão verbal pode assumir a forma da metáfora, mas há por trás das palavras um ato de identificação afetiva, não uma comparação intelectual. (DEWEY, 2010, p. 171).

Como podemos verificar no pensamento de Martin Heidegger (2006, p. 14), o poema é uma expressão da “imaginação poética”, uma interpretação poética da realidade que parte da imaginação do poeta, que expressa aquilo que para ele se apresenta como realidade, pois,

Ao poetizar, o poema representa numa imagem o que imaginou. É a imaginação poética que se exprime na fala do poema. O que se diz no poema é o que o poeta expressa a partir de si mesmo. O que assim se expressa fala

ao exprimir o seu conteúdo. A linguagem do poema é uma múltipla enunciação. A linguagem prova indiscutivelmente que é expressão.

A metáfora, como uma substituição simbólica por meio da linguagem, produz o mesmo sentido para representar algo. Dewey (2010, p. 392) também demonstra que “[...] a representação, no sentido da expressão, abarca todas as qualidades e valores de qualquer experiência estética possível”.

1.2 Pensamento e linguagem

Ao entrarmos no universo da criança, torna-se necessário elucidar conceitos básicos emitidos por Jean Piaget. Sua obra é de “epistemologia genética”, e seu estudo tem como objetivo demonstrar como ocorre o desenvolvimento e a evolução do pensamento da criança; desde as rudimentares estruturas mentais do recém-nascido até o pensamento lógico-formal do adolescente, para sistematizar suas ideias, na tentativa incessante de entender o mundo, a criança vai tentar construir estruturas mentais e adquirir novos modos de funcionamento.

Ao revolucionar o estudo da linguagem e do pensamento, Piaget foi o primeiro pesquisador a concentrar-se nas características distintas do pensamento infantil. Em vez de comparar o raciocínio infantil com o dos adultos, enumerando suas deficiências, ele concentrou-se naquilo que elas “têm”, e não naquilo que lhes falta, demonstrando assim, por meio de sua abordagem positiva, que a diferença entre o pensamento da criança e do adulto era de natureza qualitativa e não quantitativa. Os traços característicos do pensamento infantil por ele observados, e na sua concepção, constituem um todo ordenado, com uma lógica própria.

Piaget aborda o egocentrismo do pensamento infantil enquanto elo de ligação de todas as características específicas da lógica das crianças. “Ele descreve o egocentrismo como ocupando uma posição genética” (PIAGET, 1924, p. 83² apud VYGOTSKY 1998, p. 14), que se encontra entre o pensamento autístico e o pensamento dirigido.

O pensamento dirigido é consciente, isto é, persegue objetivos que estão presentes na mente daquele que pensa. É inteligente, isto é, encontra-se adaptado à realidade e luta para influenciá-la. É suscetível de verdade e erro [...] e pode ser comunicado por meio da linguagem. O pensamento autístico é subconsciente, isto é, os objetivos que persegue e os problemas que coloca a

² PIAGET, Jean. *Le Jugement et le raisonnement chez l'enfant*. Neuchâtel, Switzerland: Delachaux et Niestlé, 1924.

si mesmo não estão presentes na consciência. Não está adaptado à realidade externa, mas cria para si mesmo uma realidade de imaginação ou de sonhos. Tende a gratificar desejos, e não a estabelecer verdades, e permanece estritamente individual e incomunicável como tal por meio da linguagem, uma vez que opera basicamente em imagens e, para ser comunicado, precisa recorrer a métodos indiretos, evocando, por meio de símbolos e de mitos, os sentimentos que o guiam. (VYGOTSKY, 1998, p. 14).

A diferença entre o pensamento dirigido e o pensamento autístico é que o primeiro é social, vai se desenvolvendo a partir das influências das experiências e da lógica propriamente dita; e o segundo, ao contrário, obedece a um conjunto de leis especiais e próprias, e é individualista.

A concepção de pensamento, segundo Piaget, baseia-se na psicanálise e retrata que o pensamento da criança é naturalmente autístico, transformando-se em pensamento realista devido a uma persistente pressão social.

O autor descreve que até os sete ou oito anos, a forma mais espontânea de pensamento é a imaginação e o brinquedo, predominante no pensamento infantil, tornando assim muito difícil a separação da invenção deliberada da fantasia, criada pela criança, do que ela acredita realmente ser verdadeiro. Piaget (1924, p. 97 apud VYGOTSKY, 1998, p. 16) explica que,

É claro que, do ponto de vista genético, deve-se partir da atividade da criança para compreender o seu pensamento; e essa atividade é indiscutivelmente egocêntrica e egotista. O instinto social, em sua forma bem definida, só se desenvolve mais tarde. O primeiro período crítico a este respeito ocorre por volta dos sete ou oito anos de idade.

A concepção sobre o egocentrismo da criança é de importância fundamental nos estudos de Piaget. De acordo com experiências realizadas, ele observou que a maioria das conversas de crianças em idade pré-escolar é de origem egocêntrica, e que apenas aos sete ou oito anos, quando o desejo de interagir com os outros se manifesta, ela desaparece.

Já na visão de Vygotsky, que tomou como ponto de partida os estudos de Piaget, o desenvolvimento da fala e do pensamento tomam uma perspectiva nova e mais abrangente. A hipótese de Vygotsky (1998, p. 24) inverte o percurso de que “[...] o desenvolvimento do pensamento é a história da socialização gradual dos estados mentais autísticos, profundamente íntimos e pessoais”. Segundo ele,

[...] o nosso esquema de desenvolvimento – primeiro fala social, depois egocêntrica, e então interior – diverge tanto do esquema behaviorista – fala oral, sussurro, fala interior – quanto da sequência de Piaget – que parte do pensamento autístico não-verbal à fala socializada e ao pensamento lógico,

através do pensamento e da fala egocêntricos. Segundo a nossa concepção, o verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não vai do individual para o socializado, mas do social para o individual. (VYGOTSKY, 1998, p. 24).

Como parte constituinte dos instrumentos psicológicos, o conceito de signos, implicado na linguagem, pode também estar destinado ao controle psíquico e comportamental dos seres humanos. Quando a criança faz “a maior descoberta da sua vida”, a de que as coisas têm nome, ela já atingiu um nível elevado de desenvolvimento da fala e do pensamento; entende-se, então que a fala não é descoberta sem o pensamento. Segundo Vygotsky (1998, p. 54), fica claro que:

1. No seu desenvolvimento ontogenético, o pensamento e a fala têm raízes diferentes.
2. Podemos, com certeza, estabelecer, no desenvolvimento da fala da criança, um estágio pré-intelectual; e no desenvolvimento de seu pensamento, um estágio pré-linguístico.
3. A uma certa altura, essas linhas se encontram; conseqüentemente, o pensamento torna-se verbal e a fala racional.

A inteligência da criança é construída a partir de sua bagagem genética, de suas possibilidades hereditárias. A inteligência não é herança definitiva e acabada. Herdamos, sim, um organismo que vai, em contato com o meio ambiente, amadurecer, resultando em estruturas cognitivas (engramas), que vão funcionar por toda a vida da criança.

Vale lembrar que os estímulos sociais, também chamados de aprendizagem social (comportamentos, tarefas, conceitos ensinados por pessoas de uma determinada cultura, no contato humano que a criança adquire), resultam na evolução não só da linguagem, como também na capacidade para a aprendizagem e o desempenho. Nesse sentido, fica clara a importância da relação da criança com o meio no qual está inserida, nas suas relações sociais. A criança não nasce inteligente, ela se constrói ao longo do seu crescimento e desenvolvimento.

De Marco (2006, p.138-139), ao trabalhar as considerações sobre Rappaport (1981, p. 56),³ deixa claro que,

O ambiente físico e social coloca continuamente a criança diante de questões que rompem o estado de equilíbrio do organismo e eliciam a busca de comportamentos mais adaptativos. No caso do funcionamento mental, as questões podem ser propostas pelo próprio sujeito do conhecimento. E neste

³ DE MARCO, Ademir. Educação Física e desenvolvimento humano. In. DE MARCO, Ademir. *Educação Física: Cultura e Sociedade*. Campinas: Papirus, 2006. p. 129-155.

podemos mencionar que Piaget valoriza a curiosidade intelectual e a criatividade sugerindo que o ato de conhecer é prazeroso e gratificante tanto para a criança como para o adulto, e se constitui numa força motivadora para o seu próprio desenvolvimento. Em última análise, poderíamos dizer que o conhecimento possibilita novas formas de interação com o ambiente, proporcionando uma adaptação cada vez mais completa e eficiente e, neste sentido, é gratificante para o organismo, que se sente mais apto a lidar com situações.

Apoiados na psicologia, evidenciamos que os primeiros seis anos de vida de uma criança, de acordo com sua vivência nas relações sociais, terão forte influência no seu comportamento futuro, e que vivências motoras ocorrem em conjunto com reações emocionais gravadas em áreas específicas do nosso cérebro, marcando-nos por toda a vida. Fica explicado então porque insucessos anteriores podem interferir em condutas atuais.

Na relação que a criança estabelece com o meio, ocorre, além de seu desenvolvimento físico, psicológico e social, a formação de sua personalidade, no que difere da formação de adolescentes e adultos.

As organizações de movimentos construídos pelos sujeitos, em cada situação, dependem de recursos biológicos e psicológicos individuais, bem como as condições do meio ambiente em que ele vive. A essas manifestações damos o nome de esquemas motores, bem diferentes de padrões de movimentos já estabelecidos. O que Piaget (2005, p. 62) designa enquanto “[...] esquemas de ações o que, numa ação, é assim transponível, generalizável ou diferenciável de uma situação à seguinte [...]”, pode-se considerar “[...] o que há de comum nas diversas repetições ou aplicações da mesma ação”.

Quando os esquemas de movimento são utilizados para resolver os problemas decorrentes de situações diversas, independentemente de qualquer representação mental, pode-se falar em “compreensão corporal”.

A partir dessa reflexão, podemos reforçar a importância da ação corporal na contribuição para a vivência do corpo na sua integralidade, livre de bloqueios, ou, como Reich (1998, p. 153-154) definiria, livre de ser um “corpo encouraçado”:

[...] é a consequência do medo de punição, à custa da energia do *id* e contém as proibições e normas dos pais e professores [...]. Se, por um lado, esse encouraçamento tem pelo menos um sucesso temporário ao evitar estímulos pulsionais internos, por outro, constitui forte bloqueio não só contra estímulos externos, mas também contra influências educacionais posteriores.

Reforçamos que o desenvolvimento global se dá nas esferas sociais, psicológicas e físicas. Desprezar esse conceito é, no mínimo, reduzir o ser humano à dicotomia corpo-mente, desprezando sua imensa capacidade de transcendência. Nosso corpo foi criado para o movimento, e é assim que ele aprende. Conforme referido por De Marco (2006, p. 152),

Hoje, não podemos mais pensar em sensações, percepções, memória, emoções e movimentos como atributos isolados no sistema nervoso. As ações motoras demonstram a necessidade de um equilíbrio psicossomático por parte da criança, do adolescente e também do adulto. O mesmo pode ser aplicado para as funções consideradas intelectivas. Do ponto de vista neurofisiológico, não há como dicotomizar a compreensão da ação motora, sendo essa um somatório de extensa rede neuronal que interliga as diferentes nuances do psiquismo.

Quando a criança se movimenta, ela não está apenas realizando um ato físico, motor. Ao realizar um movimento, não são somente as alavancas musculares que estão em ação, a criança o faz também com seu intelecto, com suas sensações auditivas, cinestésicas e visuais, além de exprimir toda sua carga emocional presente em suas experiências de vidas passadas e presentes.

As funções biológicas utilizadas no desenvolvimento da linguagem e do pensamento são mais complexas do que as utilizadas na formação dos esquemas motores, por isso essas estruturas se desenvolvem precocemente. Para adaptar-se ao mundo, a criança usa o seu repertório motor para descobrir e identificar o que está a sua volta. Antes de surgirem as representações mentais, a inteligência corporal já se manifesta em um nível elevado, que se manterá mesmo após a elaboração do pensamento. Ao se apropriar da linguagem oral, as condutas motoras são substituídas por palavras. O movimento se transforma em expressão verbal. Não podendo se comunicar pela fala, o recurso usado para interagir com o mundo se dá por meio das experimentações, vivências e sensações. Segundo Tavares (2003, p. 20-21),

Cada estímulo existe para nós à medida que corporalmente o vivenciamos. E cada um de nós o vivencia de acordo com nossas possibilidades fisiológicas, características pessoais e circunstâncias sociais e ambientais. Um mesmo som, em horários diferentes, estando sozinho ou junto com alguém, nos faz nos sentirmos diferentes e sentirmos o som diferente. O som muda meu corpo. Meu corpo faz cada som ter nuances só minhas. A imagem desse som emerge na comunhão do meu corpo com o mundo. Nesse processo, meu corpo vai se transformando e se apresentando, ele mesmo, como uma imagem diferente a cada instante.

Imagem 3 – Construindo movimento



Fonte: Anne Geddes (2010)

Imagem 4 – Expressividade



Fonte: Gasperi (2010)

Imagem 5 – Comunicação e interação

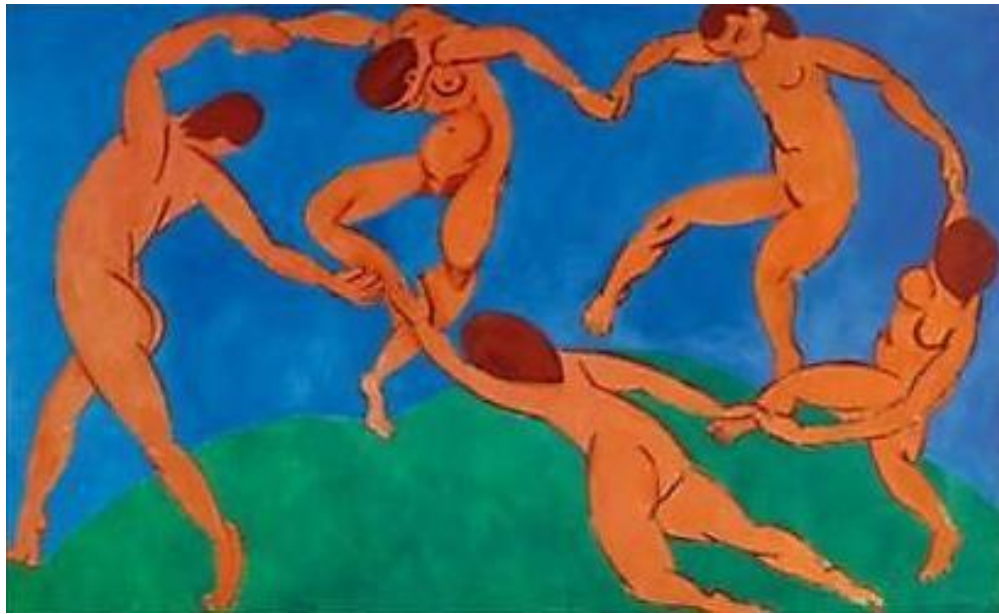


Fonte: Webtubo (2016)

Podemos entender que nossa história é, antes de mais nada, a história de nossas experiências perceptivas, são percepções que se concretizam em um corpo.

1.3 Linguagem e ritmo

Imagem 6 – Dança circular



Fonte: Henri Matisse (1909-1910), A dança

O ritmo é um elemento antigo e permanente, que está presente em todos os lugares, coisas e circunstâncias, e o homem é o único animal que o domina e que possui uma tendência inata a ele. Não só na linguagem, mas em tudo o que se encontra na natureza, nas artes, nas expressões, no corpo, possibilitando muitas combinações, com diferentes durações, resultando em formas variadas de movimentos seguidos de inúmeras possibilidades de repouso. A palavra ritmo vem do grego “rhythmos”, que significa medida, fluir, movimento e, como afirma Fraisse (1975), não existe uma definição precisa e aceita pela maioria, pois muitas variáveis se fundem em sua complexa realidade.

Para melhor entendimento, verificamos a seguir uma definição oferecida por Willems (1969, p. 32):

O ritmo é número, movimento, ordem, organização, proporção, vida, forma, inteligência, instinto, força, repetição, alternância, simetria, duração, intensidade, medida, descanso, vontade, enfim, uma série de outras definições.

Existem alguns fatores que determinam a variação do ritmo, como a intensidade, a duração e a métrica. A intensidade diz respeito à distinção entre fraco e forte. Um som pode ser forte como um trovão ou tão fraco que quase não conseguimos escutar.

Quando falamos em duração, referimo-nos ao tempo em que a intensidade soa. Ao emitir um som forte ou fraco, este tem um tempo em que permanece audível, que pode ser

curto, médio ou longo. A métrica se refere à ordem e à medida do ritmo, representadas pelos compassos e pelas figuras musicais.

No ser humano, as ordenações rítmicas são produzidas a partir dos batimentos cardíacos, da respiração, do ciclo do dia e da noite, da temperatura corporal, da marcação da marcha. A vida do homem está organizada por fenômenos regulares, com um ritmo próprio e marcado. (FITZGERALD; BUNDY, 1978).

No aspecto motor, o ritmo possibilita o máximo de rendimento, com o mínimo de esforço. Ao ajustar o ritmo à minha ação motora, eu mantenho uma economia do meu gasto energético, possibilitando assim uma melhor performance.

Alguns elementos são fundamentais para a estruturação das atividades que incluem o movimento, como o ritmo, o tempo e o espaço, mas o elemento “ritmo” não só aperfeiçoa o ser humano, por estar presente em todas as suas ações, sejam elas cotidianas, profissionais ou de lazer, como permite o desenvolvimento da criatividade, facilitando a aprendizagem motora e cognitiva.

Gabrielsson (1973) nos aponta que existem diferentes caminhos para estudar o ritmo:

- a) métodos dentro da abordagem da psicofísica clássica;
- b) métodos que variam da introspecção analítica “clássica”, para formas mais liberais de introspecção;
- c) descrições fenomenológicas ligadas à psicologia gestáltica;
- d) (re)produção de sequências rítmicas utilizadas como indicadores de experiências rítmicas.

Observamos que o ritmo pode unir atividades de naturezas diferentes, resultando em conjuntos harmoniosos. Na união da dança com a música, percebemos que o que permite a duas ou mais pessoas dançarem juntas, é justamente o ritmo. Porém, o ritmo da dança e da música são diferentes, pois a organização do tempo, por meio de cortes fixos (rítmicos), apenas a música é capaz de fazer; o intervalo na dança é o que na música permanece oculto.

Na ginástica, o ritmo oferece o tempo, o compasso e o andamento da música, estabelecendo uma sintonia entre o ritmo externo do ambiente, nosso ritmo interno, o ritmo da música e até o ritmo de aparelhos utilizados na ginástica como: bolas, cordas, *steps*, possibilitando a estruturação temporal para a execução dos movimentos.

Ao associar o ritmo à linguagem poética, verificamos que a poesia é uma dança, uma esfera que se fecha sobre si mesma, autossuficiente, onde princípio e fim se confundem no seu bailar. Idas e vindas, repetição e recriação, o ritmo no seu estado mais puro. A prosa é reta, um desfile de ideias, de fatos, um discurso ou um relato, é a marcha, sempre adiante, com uma meta precisa. Podemos compreender melhor sobre prosa e poesia na fala de Octávio Paz (2012, p. 12),

A prosa é um gênero tardio, filho da desconfiança do pensamento ante as tendências naturais do idioma. A poesia pertence a todas as épocas: é a forma natural de expressão dos homens. Não há povos sem poesia, mas existem os que não têm prosa. Portanto pode-se dizer que a prosa não é uma forma de expressão inerente à sociedade, enquanto que é inconcebível a existência de uma sociedade sem canções, mitos ou outras expressões poéticas.

Emile Jaques-Dalcroze (musicista e professor) também pensou na linguagem enquanto poesia do corpo. Em seus estudos, desde o início do século XX, encontramos influências não só na prática pedagógica da música como também na dança e na “ginástica moderna”, que se apoiou em ideias de uma educação expressiva e rítmica do corpo.

Este pensamento pode ser entendido como um conjunto de estudos da plasticidade do corpo como arte. Compreendem uma leitura do movimento, da expressão, do ritmo, da qualidade e da dinâmica dos esforços presentes em cada gesto, retirados da vida cotidiana. (SOARES, 2002, p. 32).

Dalcroze denominava “arritmia generalizada” às dificuldades físico-rítmico-expressiva dos seus alunos-musicistas, e se viu obrigado a encontrar caminhos para minimizar essa deficiência, desenvolvendo assim a “plástica animada”, que é um conjunto de exercícios rítmicos-expressivos que auxiliam no desenvolvimento do ritmo. Nas expressões verbais, o ritmo se faz presente, pois ele é a própria fala, mas é no poema que ele se manifesta plenamente.

Embora não haja uma diferença que se possa definir com precisão entre a prosa e a poesia, existe um abismo entre o prosístico e o poético, como termos extremos que limitam tendências da experiência. Um apreende o poder das palavras para expressar o que há nos céus, na terra e sob os mares por meio da extensão, o outro, da intensidade. A prosa é uma questão de descrição e narração de detalhes acumulados e relações elaboradas. Desdobra-se em seu avanço como um documento legal ou um catálogo. A poesia inverte esse processo. Condensa e abrevia, com isso conferindo às palavras uma energia de expansão quase explosiva. [...]. Há no poema algo de autoconfinado e auto limitante, e essa autossuficiência, junto com a

harmonia e o ritmo dos sons, é a razão por que a poesia, ao lado da música, é a mais hipnótica das artes. (DEWEY, 2010, p. 423).

Apesar da prosa também possuir ritmo, ele não é essencial. Na prosa, as palavras se separam do ritmo, pela violência da razão.

1.4 Linguagem do corpo

Imagem 7 – Corpos que falam



Fonte: Marina Bogomolova Kira Noire and Evgeny Greshilov

Aos nossos estudos, é imprescindível a compreensão sobre linguagem corporal na visão de vários autores, na arte, na poesia, no movimento, na corporeidade e sobre a imagem corporal.

Essa unidade, a qual denominamos linguagem corporal, significa uma vivência plena, prazerosa e que se comunica como um todo e para o todo, que reforçamos nas palavras de Gregório Matos (1933) “[...] o todo sem a parte não é o todo. A parte sem o todo, não é parte”. Para iniciarmos nossa reflexão sobre as manifestações corporais, voltemos ao passado. A arqueologia, essa ciência que tanto nos esclarece sobre os acontecimentos longínquos,

indicamos que nas figuras gravadas nas cavernas de Lascaux, pelo homem pré-histórico, há indicações de comunicação corporal, como, por exemplo, a dança.

Sabe-se que o homem da idade da pedra só gravava nas paredes de suas cavernas o que para ele era importante. Assim como a caça, a alimentação, a vida e a morte, os rituais de cunho religioso, banhados em expressões corporais, eram de fundamental importância para aquela sociedade. Antes de falar, o homem se comunicava por meio da linguagem corporal.

Vale lembrar que os deuses eram invocados e solicitados nas ocasiões mais diversas. Seja para agradecer ou pedir algo, nos nascimentos e nas mortes, nos casamentos, nas guerras e nas colheitas. A comunicação com os seres divinos se dava por meio dos rituais corporais.

De certo modo, o corpo nos é familiar e real, experimentamos e vivenciamos sensações todos os dias, naturalmente. Olhamos nossos corpos no espelho e olhamos para outros corpos, e enxergamos uma figura com um espaço definido, a que chamamos de corpo.

Os estudos e as problematizações sobre o corpo vêm tomando proporções antes não imaginadas. As questões relacionadas ao corpo nos aspectos psíquicos, culturais, sociais filosóficos têm entrado no campo de preocupação de intelectuais, tornando-se atualmente um dos grandes temas da cultura.

A própria Santaella (2008) afirma que temas sobre o corpo escapavam a seus interesses como pesquisadora da comunicação e que somente no fim dos anos de 1990 é que começou a trabalhar essa questão sob outras perspectivas, e que o tema foi ganhando destaque na sua obra como pesquisadora. A autora afirma que cada vez mais o tema vem ganhando espaço na obra de outros autores e que isso tende a crescer por um motivo tecnológico que se dá na amplitude que esses elementos se dimensionaram e que, hoje, falar sobre corpo está diretamente relacionado às questões físico-fisiológicas promovidas pelas novas tecnologias.

Os sistemas simbólicos sempre estarão em contínua mudança e nossa relação e percepção destes, em contínua interação e compreensão. A relação conflituosa entre objetividade e subjetividade sempre existirão e a compreensão desta relação se dará por meio de uma investigação na qual a linguagem estabelecerá os paradigmas dessa verificação. Segundo Rose (2001, p. 249),

A linguagem tanto torna possível que cada falante se estabeleça a si mesmo como um sujeito, ao se referir a si próprio como 'eu' em seu discurso, quanto é tornada possível por esse mesmo fato. As formas pronominais são um conjunto de signos 'vazios', sem referência a qualquer realidade, que se torna 'plena' quando o falante introduz a si próprio em uma instância do discurso.

Muitos séculos adiante do pensamento cartesiano, da dicotomia corpo-mente, e de muitos estudos, ressaltamos uma visão de corpo que vai ao encontro de nossa atualidade. Essa questão fica esclarecida na visão de Tavares (2003, p. 35), que afirma:

O corpo é definido segundo os diferentes modos de abordagem. O corpo a que estamos nos referindo muitas vezes não é o mesmo corpo entendido pelo outro. Essa questão não é uma simples questão de linguagem. Reflete muito mais as perspectivas múltiplas de análise do corpo. É importante que aprendamos a assumir a abrangência de nosso olhar para o corpo sem muita preocupação em defini-lo.

Apesar das tentativas dos filósofos, desde o Iluminismo, de descrever os seres humanos como sendo racionais, fica claro que é na corporeidade que nos constituímos como todo, como desejo, sexualidade, diferença.

Ainda assim, encontramos algumas questões que não estão totalmente incorporadas no que se refere à aprendizagem. Historicamente, as questões relacionadas à educação têm sido tratadas como assuntos pertinentes exclusivamente aos atributos mentais.

Sugerimos que a vivência da corporeidade possa ser tratada como auxílio para melhor compreensão e melhor desenvolvimento das questões relacionadas à aprendizagem. Para contextualizar a corporeidade, Moreira e Simões (2006, p. 73-74) apresentam algumas análises, deixando explícito que

[...] corporeidade é voltar a viver novamente a vida, na perspectiva de um ser unitário e não dual, num mundo de valores existenciais e não apenas racionais, ou, quando muito, simbólicos. [...]. Corporeidade é buscar transcendência, em todas as formas e possibilidades, tanto individualmente quanto coletivamente. Ser mais é sempre viver a corporeidade, é sempre ir ao encontro do outro, do mundo e de si mesmo. [...]. Corporeidade é incorporar signos, símbolos, prazeres, necessidades, por meio de atos ousados ou de recuos necessários sem achar que um nega o outro. É cativar e ser cativado por outros, pelas coisas, pelo mundo, numa relação dialógica. [...]. Corporeidade não é um conceito, é um estilo de vida na busca da superação.

O corpo que é movimento, leve, ágil, cômico, atlético, rígido, retesado, limpo, consertado. O corpo estético, poético. Muitas vezes atrofiado, sofrido, mutilado, mas mesmo assim: corpo. Corpo impregnado de marcas, de valores, de sentimentos, assumindo posturas, posições, ações, dotado de ritmo, de expressão e de poesia. Esse é o corpo.

Imagem 8 – Árvore humana



Fonte: Luca Tommassini (2015)

1.5 Corpo e movimento

Imagem 9 – Dança contemporânea



Fonte: Vadim Stein

Como mencionado anteriormente, a comunicação oral surge depois das ações motoras, pois essas ações envolvem funções biológicas para sua estruturação menos complexas do que as utilizadas para a elaboração do pensamento e da linguagem.

O pensamento não é simplesmente expresso em palavras; é por meio delas que ele passa a existir. Cada pensamento tende a relacionar alguma coisa com outra, a estabelecer uma relação entre as coisas. Cada pensamento se move, amadurece e se desenvolve, desempenha uma função, soluciona um problema. Esse fluxo de pensamento ocorre como um movimento interior através de uma série de planos. Uma análise de interação do pensamento e da palavra deve começar com uma investigação das fases e dos planos diferentes que um pensamento percorre antes de ser expresso em palavras. (VYGOTSKY, 1998, p. 156-157).

A linguagem, por meio do movimento, é a forma que a criança conhece para se comunicar, para experimentar e se adaptar ao mundo e suas transformações; antes da palavra ser dita e descoberta, o corpo toma a frente para se expressar e transmitir informações.

A inteligência corporal possui um grau elevado que se manifesta e que se mantém, mesmo após a estruturação do pensamento e da linguagem. Para entendermos um pouco mais, abordaremos a seguir alguns conceitos de Vygotsky. No desenvolvimento da criança, a palavra e o pensamento não têm, inicialmente, uma ligação primária mas sem dúvida existe um período pré-intelectual da fala e também um período pré-linguístico do pensamento. Ao longo da evolução, fala e pensamento se conectam, e depois se modificam e se desenvolvem, na medida em que

O significado das palavras é um fenômeno de pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele. É um fenômeno do pensamento verbal, ou da fala significativa – uma união da palavra e do pensamento. (VYGOTSKY, 1998, p. 151).

À medida que a criança vai se desenvolvendo, e também de acordo com o funcionamento das várias formas de pensamento, os significados das palavras vão se modificando e evoluindo, deixando claro que os significados das palavras são formações dinâmicas.

Ao dominar a fala, a criança vai da parte para o todo, ou seja, primeiro ela começa por uma palavra, depois vai associando duas ou três palavras entre si, até conseguir progredir e finalmente construir uma ou mais frases que culminam em uma fala coerente. No entanto, quanto ao significado, semanticamente, a criança vai do todo para as partes. A primeira palavra é uma frase completa, e só mais tarde ela começa a separar os significados das palavras e a dividir o seu pensamento.

Os aspectos semântico e externo da fala seguem direções opostas em seu desenvolvimento – um vai do particular para o geral, da palavra para a frase, e o outro vai do geral para o particular, da frase para a palavra. (VYGOTSKY, 1998, p. 157).

Notamos que, mesmo seguindo direções opostas no seu desenvolvimento, pensamento e palavra não são independentes entre si. Ao contrário, essa diferença é o estágio inicial de sua união. Ao observar que a fala não é um mero reflexo do pensamento, e que pensamento e palavra não provêm de um único modelo, entendemos que o pensamento passa por muitas transformações até se transformar em palavra. “Os processos de desenvolvimento semântico e

fonético são essencialmente idênticos, exatamente porque seguem direções contrárias” (VYGOTSKY, 1998, p. 158).

O que fazemos com o corpo e com a mente demanda um gasto de energia que é semelhante, o que explica porque, ao pensar muito, o corpo também se cansa. O movimento humano, assim como o pensamento, é imbuído de significado, é o que nos diferencia dos outros animais. Essa afirmação fica clara no fragmento de Freire (2003, p. 149) que diz,

A motricidade é a forma de realização da vida humana. Uma vez que somos seres vivos locomotores, sem dúvida alguma estamos fortemente presos à ação dinâmica, às possibilidades de expressão corporal. Se por meio do corpo marcamos nossa presença no mundo, pela motricidade nos realizamos como seres vivos. Após bilhões de anos de evolução, adaptamo-nos ao mundo como corpos que se movem, dentre outras, para se reproduzir, se abrigar e se alimentar. A imobilidade corporal degrada nossas condições naturais, portanto mover-se é fator de saúde.

Um corpo sem movimento é um corpo preso, atrofico, sem vida. Vale ressaltar que somos uma unidade corpo-mente-espírito, e que o nosso olhar está sempre voltado para o todo, nunca para as partes, tanto nas questões culturais quanto em seus valores.

Fica evidente, portanto, que o conjunto de posturas e movimentos corporais representa valores e princípios culturais. Consequentemente, atuar no corpo implica atuar sobre a sociedade na qual esse corpo está inserido. Todas as práticas institucionais que envolvem o corpo humano – e a Educação Física faz parte delas –, sejam elas educativas, recreativas, reabilitadoras ou expressivas, devem ser pensadas nesse contexto, a fim de que não se conceba sua realização de forma reducionista, mas se considere o homem como sujeito da vida social. (DAOLIO, 1995, p. 42).

As experiências motoras nos permitem conhecer e explorar lugares inimagináveis dentro do nosso mundo físico e emocional. Ao vivenciar novas sensações, novos sabores, novas posturas, mergulhamos em um universo desconhecido, porém intenso, que nos proporcionará uma grande evolução no que diz respeito à nossa corporeidade.

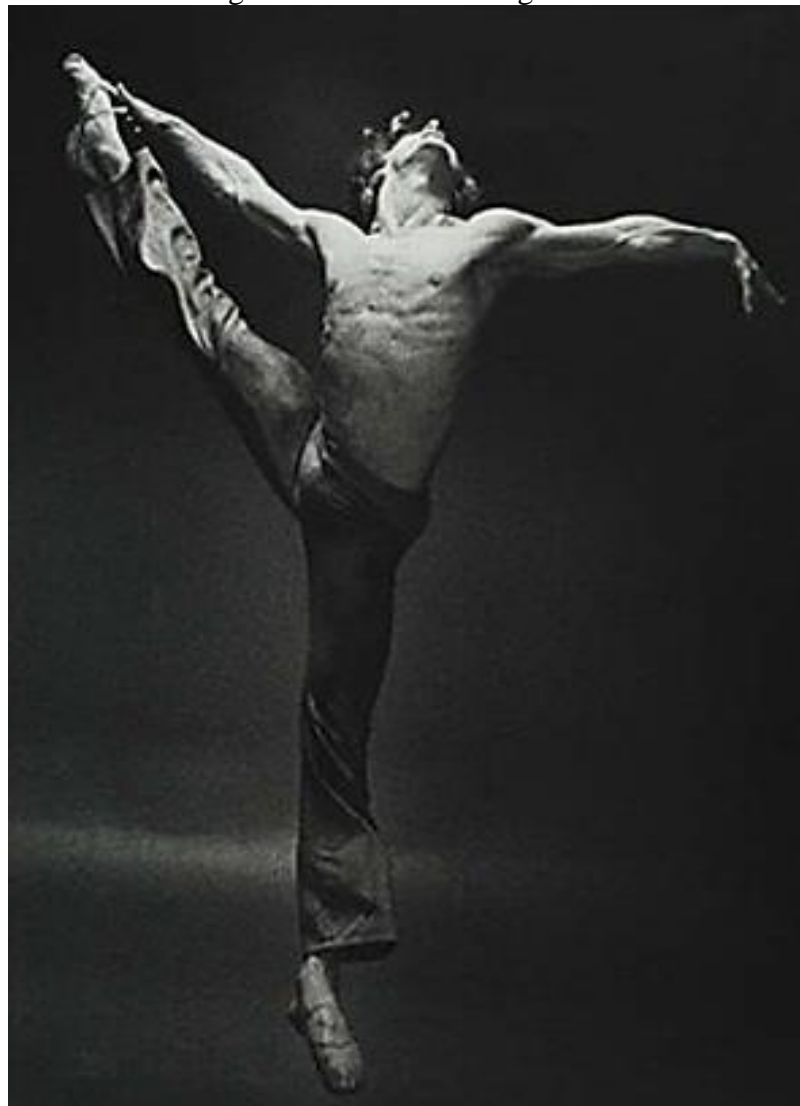
As experimentações corporais nos permitem perceber e interagir com o mundo que nos circunda, gerando um conhecimento fundado nas características da situação presente e em vivências de experiências anteriores. A transformação do “próprio corpo” se dá por meio de realizações de cada movimento, no decorrer da nossa vida, modificando a forma como percebemos os objetos e a nós mesmos. No entanto, entendemos que o profissional que conhece suas próprias sensações, seu corpo e seu espaço, consegue ter mais facilidade e tende a ser mais flexível em suas relações com o outro.

O corpo humano é um milagre da existência, não só por ser uma perfeição de mecanismos que se comunicam e interagem simultaneamente, mas por possuir uma integração entre todos os sentidos, que nos remete à musicalidade perfeita de uma ópera, onde cada instrumento tem que se afinar com os demais para culminar em uma grande obra de arte.

Verificamos essa reflexão nas palavras de Laban (1978, p. 48-49):

A extraordinária estrutura do corpo, bem como as surpreendentes ações que é capaz de executar, são alguns dos maiores milagres da existência. Cada fase do movimento, cada mínima transferência de peso, cada simples gesto de qualquer parte do corpo revela um aspecto de nossa vida interior. Cada um dos movimentos se origina de uma excitação interna dos nervos, provocada tanto por uma impressão sensorial imediata quanto por uma complexa cadeia de impressões sensoriais previamente experimentadas e arquivadas na memória.

Imagem 10 – A beleza do gesto



Fonte: Mikhail Baryshnikov (1980)

2 CAPÍTULO II – CORPO E EDUCAÇÃO

Ao contrário do que ocorria antes, quando se chamava pré-escola, a educação infantil passou a ser um espaço efetivo de escolarização. Na infância, as fantasias e os movimentos corporais ocupam quase todo o tempo da criança. Para os alunos, que até então a especialidade era brincar, uma ruptura com essas vivências é também um conhecimento não aproveitado em sala de aula. Uma pena que esse conteúdo tão rico não seja explorado, muitas vezes, nem mesmo nas aulas de educação física.

Um período no qual se pode (e deve) viver muito intensamente. É nessa primeira parte da infância que apreendemos ações e pensamentos, que serão decisivos para toda a vida, tanto no aspecto cognitivo quanto corporal. Esse pensamento é reafirmado por João Batista Freire (1997, p. 20), em *Educação de Corpo Inteiro*:

Entre os sinais gráficos de uma língua escrita e o mundo concreto, existe um mediador, às vezes esquecido, que é a ação corporal. Uma criança bloqueada no seu espaço de ação, graças, muitas vezes, à ansiedade de pais e professores por alfabetizá-la, acaba aprendendo a escrita e a leitura que lhe impõem, mas com sérias dificuldades em estabelecer, entre essa aprendizagem e o mundo, um elo de ligação.

Imagem 11 – Brincadeira de roda



Fonte: Marcelo Klotz (2017)

Imagem 12 – Vivenciando o movimento



Fonte: Fortíssima (2014)

As vivências corporais podem contribuir de maneira significativa para a apreensão de diversos conteúdos fora do âmbito da educação física. A linguagem do corpo pode estender-se para além das amarras das carteiras em sala de aula, para uma perspectiva de direcionamento das potencialidades reflexivas da criança, ao passo que desbloqueia o indivíduo ao exercício de um signo que é parte de uma estrutura psíquica, formada por um conjunto, como pudemos verificar nos estudos de Vygotsky. Feitas essas considerações, compreendemos que, “A escola não deveria trabalhar com a criança no sentido de treiná-la para ser adulta, mas sim no sentido de a criança construir e reforçar as estruturas corporais e intelectuais de que dispõe” (FREIRE, 2009, p. 39).

Imagem 13 – Falando com o corpo



Fonte: jbrayson

Ao fazermos uma abordagem que se refere ao corpo, temos que expandir a compreensão no sentido biológico e simbólico; afinal, o corpo é território tão subjetivo quanto fisiológico, um campo que não cessa de inquietar e confortar, inesgotável fonte de prazeres e de desassossego.

A abordagem histórica é um trabalho tão arriscado quanto descrever uma história de vida. Há incontáveis caminhos para sua abordagem: da arte à medicina, da moda à antropologia, sempre haverá novas maneiras de conhecer (e estranhar) o corpo.

No entanto, o corpo é finito, sujeito às transformações que nem sempre são desejáveis. Numerosas culturas perseguem exaustivamente o objetivo de manter o controle sobre o próprio corpo, uma tarefa árdua e arriscada. Desse modo, podemos pesquisar o corpo por meio de qualquer uma de suas inúmeras vias – a educação, a saúde, as artes, a culinária, entre outras – mas uma questão se mantém como geral: como encontrar maneiras de controlá-lo e conhecê-lo?

Assim, diferente de uma história do corpo, talvez seja mais instigante e viável realizar investigações sobre algumas das ambições de governá-lo e organizá-lo conforme interesses pessoais ou coletivos. Pois cada vontade de manter o corpo sob controle, por exemplo, é constituída por fragilidades e potências, expressando especificidades e generalidades culturais.
(SANT'ANNA, 2001, p. 4).

Não podemos deixar de abordar brevemente duas maneiras distintas de tratar e conhecer o corpo humano: na primeira, identificamos uma visão relativa à medicina hipocrática, que expressa a vontade de manter o corpo submetido à ordem considerada natural e cosmológica, e às regras morais; na segunda, localizamos uma visão mais contemporânea, que pretende, por meio da liberação de suas origens culturais, morais, religiosas e genéticas, manter o controle sobre os corpos. Nas duas abordagens, percebemos que, mesmo com tantos progressos na maneira de intervir no corpo, tanto na questão estética quanto na da saúde e bem-estar, três medos muito antigos ainda nos perseguem: o medo da doença, o medo da dor e o medo da desumanização das aparências.

De Hipócrates a Galeno, de Descartes a Linné, a medicina natural manteve milhares de adeptos que supunham que o corpo humano era dotado de um poder autocurativo. As culturas do passado consideravam a natureza como sendo uma referência essencial ao conhecimento e cuidados com o corpo.

Na medicina hipocrática, por exemplo, diversas correspondências entre corpo e a natureza direcionavam o diagnóstico. Nele, o paciente deveria fornecer ao médico uma série de detalhes sobre sua vida pessoal, incluindo o regime alimentar, a qualidade do sono e das tarefas cotidianas. Estas informações eram contempladas pelo médico à luz das características cosmológicas típicas do cotidiano do paciente. (SANT'ANNA, 2001, p. 6).

Trata-se, no entanto, da dimensão de uma medicina que compreende o entendimento do interior do corpo com o seu meio social. Hipócrates, conforme descrito por Sant'Anna (2001, p. 7), acreditava que a natureza controlava a saúde humana:

[...] é a natureza que cura as doenças. Ela encontra por ela mesma as vias convenientes sem ter necessidade de ser dirigida por nossa inteligência. É ela que nos ensina a abrir e fechar os olhos, a mover a língua e outras coisas parecidas, sem a ajuda de um mestre.

A medicina de Hipócrates baseava-se em tratamentos naturais e a função do médico não era curar, mas ajudar a natureza a fazer aquilo que lhe convinha. Hipócrates não acreditava que acontecimentos sobrenaturais provocassem doenças. Para ele, a medicina se separa da magia. Ele concebeu o corpo sintonizado com a natureza, e não alienado com as coisas ao seu redor; também foi um dos primeiros filósofos a atribuir sensações ao corpo como quente, frio, úmido, e a relacionar a comida com o estado de humor das pessoas. Hoje, ele seria chamado de naturalista. Contudo, ao lado da medicina hipocrática, havia uma grande crença que permanecia entre os gregos, de que o corpo “[...] não cessava de ser atravessado por fenômenos mágicos, vivendo submetido aos desígnios divinos” (SANT'ANNA, 2001, p.11).

Das escolas médicas, das quais Hipócrates é o representante mais célebre, saíram vários médicos sacerdotes que acreditavam extirpar o mal do corpo humano graças às suas relações com o sagrado.

Os santuários e os templos, em geral situados ao lado de uma fonte de água, possuíam um estabelecimento para banhos e, às vezes, um teatro e um albergue para hospedar os peregrinos e suas famílias. O prestígio destes lugares resultava do poder que a justiça dos deuses exercia sobre a justiça dos homens. (SANT'ANNA, 2001, p. 8).

Entretanto, sob a perspectiva de Sant'Anna, para Platão e mais adiante para Aristóteles, o primado da justiça divina não escaparia às suas críticas. Para Platão, uma infinidade de seres diferentes, como deuses, homens e animais, existiam na natureza, considerada por ele como sendo um ser vivo. E também considerava que

O corpo era definido como sendo feito de terra, água, fogo e ar, tal qual afirmavam as antigas concepções. Mas Platão vai sublinhar a existência de uma alma imortal, ou melhor, de três almas. Somente uma delas, aquela que se aloja na inteligência, usufrui da imortalidade: ela possui um movimento circular, considerado perfeito, tal qual aquele do céu e dos astros. (SANT'ANNA, 2001, p. 9).

Imagem 14 – Introspecção



Fonte: Giuliano César (2009)

Apesar da assimilação entre os seres vivos e o cosmo ser um ponto em comum no pensamento de Platão e de Aristóteles, em alguns aspectos este se diferenciava. “Se para Platão uma mesma alma podia vagar, passando de um corpo a outro, para Aristóteles, ao contrário, uma alma não existe sem um corpo e não se identifica a qualquer corpo”. (SANT'ANNA, 2001, p. 12).

A ideia de um corpo individual e real merece destaque na concepção de Aristóteles. Para ele, o corpo tem movimento, não é imóvel e produz causa e efeito, transformando-se, podendo assim transformar também o que está ao seu redor.

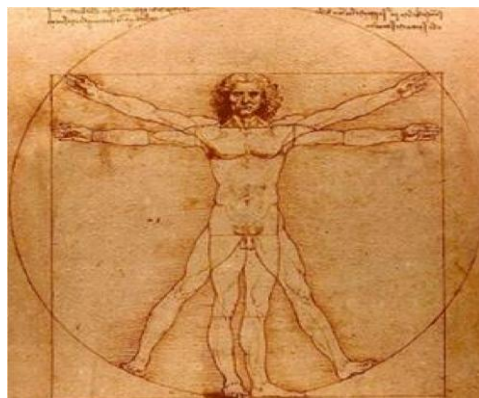
Avançando um pouco mais para o período medieval, verificamos que uma referência essencial, sobretudo para o Ocidente, foi o pensamento de Galeno (nascido em Pérgamo em 129 d.C., médico do imperador romano Marco Aurélio). Na sua concepção,

Enquanto a alma é pensada em termos positivos e dotada de imortalidade, o corpo permanece mortal, aquilo que impede o homem de conquistar uma contemplação serena da vida. Considerado seu duplo vergonhoso, o corpo padece e está fadado a padecer, pois, diferente da alma, está submetido aos ciclos naturais, às flutuações do desejo, aos perigos da corrupção. Afirma-se uma concepção, que atravessará os séculos, na qual o humano tem um destino original em relação à natureza, tanto quanto a alma e corpo, se afirmam como termos opostos. (SANT'ANNA, 2001, p. 13).

Dentre os pensadores da Idade Média, devemos destacar a Santo Tomás de Aquino, que, ao romper laços com a filosofia aristotélica, uniu corpo e alma em um só composto. Ao enfatizar que a alma deve sua existência ao corpo, e que existe uma interdependência entre corpo e alma, mesmo com o obscurantismo da Idade Média, e influenciado por ares do Renascimento, a concepção clássica de corpo foi definitivamente superada.

A passagem da Idade Média para o Renascimento se dá gradativamente mesclando o novo com o antigo, que hora se completam e ora se confrontam, trazendo transformações gradativas. O Renascimento compreende o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna, e é dividido em três momentos: o Trecento (transição da arte Bizantina para a arte Renascentista), o Quatrocento (período áureo da Renascença), e o Cinquecento (final do Renascimento e início do Maneirismo e do Barroco). No Renascimento, o antropocentrismo é uma de suas principais características; o homem se coloca como o centro do universo, assim como o racionalismo, o individualismo e o humanismo. Período marcado por grandes transformações, tanto nas artes (a pintura e a escultura) como na ciência, com Copérnico e Galileu, o corpo despertou grande interesse tanto no seu funcionamento como por sua representação fiel, de músculos e órgãos internos. Podemos observar, na obra de Leonardo Da Vinci, o Homem vitruviano, a importância de se retratar com detalhes o corpo humano.

Imagem 15 – Homem vitruviano



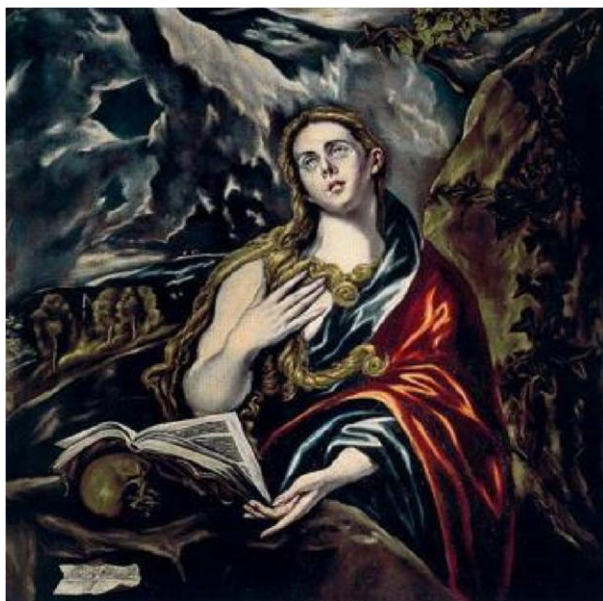
Fonte: Leonardo da Vinci (1490).

A descoberta de funções biológicas do corpo, bem como a importância da alimentação e da condição física para uma vida saudável, foram destaque no Renascimento. A preocupação não estava somente na saúde do corpo, mas também na preocupação com o ambiente ao seu redor. Leonardo da Vinci (1817, p. 64⁴ apud SANT'ANNA, 2004, p. 13) escreveu em seu tratado de pintura, o seguinte:

Se o corpo precisa de ossos para a sua sustentação e armadura, a terra tem as pedras para a sua sustentação. Se o homem tem um lago de sangue que se deriva em veias, o corpo da terra possui o mar que se ramifica em diversos rios. O frio, o seco, o quente e o úmido são tanto qualidades da água, do fogo, da terra e do ar quanto dos quatro humores que participam de maneira essencial do funcionamento fisiológico: o sangue, elemento quente que vem do coração, o fleugma (8) o elemento frio que vem secretado pelo cérebro, a bÍlis amarela, elemento seco que vem do fÍgado, a bÍlis negra originada do baço, formavam os quatro humores do homem.

Entre o Renascimento e o Barroco, encontramos um período histórico chamado de Maneirismo, que vem do italiano “maniera”, e apresenta uma forma subjetiva do artista representar algo. Segundo alguns críticos, os artistas que estudavam os desenhos de figuras humanas de Michelangelo tentavam reproduzi-las da sua maneira, chegando a resultados estranhos e sem interpretar o espírito da obra, por isso a origem do nome maneirismo. O corpo perde seu lugar de destaque, assim como a natureza, dando lugar a novas vivências espirituais.

Imagem 16 –Representação da natureza humana



Fonte: Toledo (2014)

⁴ DA VINCI, Leonardo. *Tratado de pintura: a representação da natureza*. Tradução Fábio Moraes. São Paulo: Editora Criativo, 1817. Disponível em: <http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_10/245_Pag_Revista_Ecos_V-10_N01_A-2011.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2018.

Na arte, o corpo sofre restrições e os corpos nus das obras são cobertos por ordem do Concílio de Trento, da Igreja Católica. A visão de corpo é distorcida, perde-se o naturalismo tirando o homem de sua perfeição e de sua tranquilidade. A partir do Maneirismo, no período Barroco, instaura-se um grande conflito: ou vive-se os prazeres da carne ou as exigências da alma. No Maneirismo e no Barroco, não há como conciliar essas antíteses. O dilema da carne versus espírito faz com que o artista Barroco ora ajoelha-se diante de Deus, ora celebre as delícias da vida.

Imagem 17 – Conflito do corpo



Fonte: Pontormo e Fiorentino -

A seguir, iremos mais adiante, até o século XX, para podermos entender um corpo que tenta se libertar de vínculos religiosos, geográficos, temporais, morais e, sobretudo, genéticos, diferente do antigo modelo corporal poroso que se comunicava com o cosmo, ou do corpo regrado segundo a moral cristã, ou por ela considerado pecador e inferior.

A tendência agora, especialmente nos últimos cinquenta anos, vem sendo a tentativa de tornar o corpo independente do seu patrimônio cultural e genético, reconstruindo-o com

tecnologias avançadas como próteses, cirurgias, cosméticos, dietas. Uma promessa fascinante que tomou grandes proporções na mídia, enquanto os limites do que é certo e errado, falso e verdadeiro, foram simplesmente ignorados. Cada uma dessas tendências expressa as ambições de controlar o corpo.

O corpo, como lugar de explorações e experiências é agora considerado como “[...] a última posse do indivíduo [...]”; é preciso acreditar que “[...] o corpo que se tem é de fato possuído por seu proprietário” (SANT’ANNA, 2001, p. 19).

Numa sociedade na qual o corpo se tornou um ator tão importante, a busca pela perfeição da aparência física comprova aquilo que cada um quer mostrar frente à sua subjetividade humana,

[...] “fazer com que o corpo continue correspondendo ao que cada um sonha mostrar de si” representa uma promessa de adquirir uma presença no mundo cada vez mais importante. E quando o corpo é considerado não mais a sede da alma, nem a morada da subjetividade mas, principalmente, a sua expressão mais autêntica e real, é somente por meio dele que se colocam em evidência as intenções e as forças de cada ser humano. (SANT’ANNA, 2001, p. 20).

Principalmente após os anos de 1960, o corpo foi se metamorfoseando como forma de protesto. Nesse campo, inserem-se principalmente os artistas, que usam seus corpos para protestar e denunciar problemas sociais identitários e sexuais. De acordo com Sant’Anna (2001, p. 20), “Em diversas experiências artísticas contemporâneas, a beleza é retirada da proximidade com o monstruoso”. E ainda:

Diante das metamorfoses do corpo expressas pela arte, mas também face às mutações do corpo exigidas no cotidiano dos hospitais, empresas, laboratórios e valorizadas pela mídia, as opiniões se dividem. Para uns, numa época de perda de antigas referências calcadas em grandes sistemas ideológicos, em vanguardas e partidos políticos – em lugar de liberar e emancipar os corpos, tende-se a emancipar-se dos corpos. Como se o corpo deixasse de ser suficiente, justamente quando ele estaria supostamente liberado da alma e das coações morais do passado. [...]. Para outros, os corpos se tornaram híbridos de natureza e cultura pouco promissores, que nem sempre sugerem novas possibilidades de vida e de criação para além do que se considerou humano e não-humano até então. (SANT’ANNA, 2001, p. 22).

De acordo com nossa reflexão sobre “o corpo na história”, verificamos que ao mesmo tempo em que há uma crescente tendência em valorizar, adular e mostrar o corpo, ele é explorado, aviltado e violentado. De todo modo, observamos que o desejo de driblar a finitude

humana e de conseguir manter o corpo sob controle são questões que se mantêm em evidência.

2.1 A importância do corpo

O que é corpo? Um invólucro de pele onde se abrigam órgãos, vísceras, sangue, ossos, fluido. Esse é o corpo real, compartilhado na sua semelhança com o dos animais. Corpo que sente frio, calor, adocece, morre, que é cuidado por médicos e veterinários. Os animais se satisfazem com o alimento e o sexo reprodutivo, o ser humano vai muito além, o corpo humano é simbólico, ao mesmo tempo que é imaginário e pulsional.

Imagem 18 – O corpo mudo



Fonte: Nir Arieli (2016) -

Sabe-se que “[...] o eu não nasce pronto, desenvolve-se” conforme Tavares (2003, p. 34). O “corpo próprio” modifica-se no decorrer da vida, a partir do contato com o mundo e com os outros. Tavares (2003, p. 35-36) faz importantes considerações:

O corpo existe como uma entidade física; O corpo está sempre presente; o corpo delimita um espaço e um tempo (de forma que todo estímulo é único na experiência do corpo; o corpo é uma totalidade; nascemos com um corpo e desenvolvemos nossa identidade corporal; A perspectiva psicossocial do corpo é profunda e concreta. As identificações vão muito além do plano das idéias, mas abarca o plano de apropriação do corpo do outro (inclusive na questão do gênero; É corporalmente que vivenciamos nossos impulsos e fantasias; a percepção do corpo e do mundo; Nosso corpo é um objeto todo especial para nós mesmos. Ele está sempre mudando, está sempre presente. É o ponto de partida para o desenvolvimento da identidade da pessoa e constitui o suporte do senso da subjetividade do homem.

Em todo momento vivenciamos e experimentamos “com” o nosso corpo as dores, os prazeres, a fadiga, as excitações, a doença. “O corpo é o instrumento através do qual o homem se expressa e se comunica” (LABAN, 1978, p. 88). Segundo Santaella (2008), olhamos para nós mesmos no espelho e para os outros e vemos entidades com fronteiras definidas a que chamamos de corpos. Concordamos com Vianna e Castilho (2002, p. 79), quando afirmam que

Este corpo que você possui desde que nasceu nem sempre foi assim, do jeito que é hoje. Além de ter obviamente crescido, se desenvolvido e até envelhecido, ele também é resultado do uso que você faz dele. Se cuidar com carinho, com atenção, e, principalmente estiver atento para os signos que ele emite, você terá provavelmente como resultado um corpo mais harmonioso, tanto nas formas e nas proporções, quanto na eficácia com que ele responde a você.

Imagem 19 – Dinâmica do corpo



Fonte: Vadim Shtein -

Podemos então afirmar e reafirmar que somos corpo e somos uno. Devemos conhecer seus princípios básicos: como age, pensa e vive, e identificar suas fraquezas e seus anseios. De acordo com Batista (2006, p. 87), “[...] bem usado, recompensa-nos com sensações de prazer e bem-estar; mal usado, vinga-se de nós”.

Não podemos imaginar um ser humano que não seja fruto da cultura, assim como não imaginamos um corpo natural que não sofra influência da dinâmica cultural na qual está inserida. Não é possível desvincular o homem da cultura, só chegamos aqui porque passamos por um processo cultural de apropriação de atitudes, experiências e comportamentos; aliás, o que nos diferencia dos animais é justamente a capacidade de produzir cultura. Daolio (1995, p. 25) deixa claro que

Cada gesto que fazemos, a forma como nos sentamos, a maneira como caminhamos, os costumes com o corpo da gestante (a mensagem hoje é que ela se movimenta, ao contrário de poucos anos atrás), os cuidados com o bebê... tudo é específico de uma determinada cultura, que não é melhor nem pior que qualquer outra. A forma de chutar, os cuidados higiênicos com o corpo, os esportes que se praticam numa determinada época, num determinado local, são influenciados pela cultura. As brincadeiras, os tipos de ginástica, os cuidados estéticos com o corpo, enfim... tudo é influenciado pela cultura. Numa multidão, pode-se notar certos comportamentos corporais comuns, que caracterizam e padronizam um determinado povo.

2.2 O corpo na educação

Imagem 20 – Corpo e cultura



Fonte: Mia Matos (2006)

De modo geral, pouca importância se dá a uma possível relação entre as atividades corporais e aquelas que são realizadas em sala de aula. A visão dicotômica da escola, de que “corpo” e “mente” não se integram em uma mesma disciplina, dificulta o desenvolvimento de uma proposta na qual a linguagem corporal estaria presente como facilitadora da aprendizagem. Desse modo, consideramos que,

[...] quanto mais olho/percebo/sinto/escuto as eternas repetições educacionais girando em torno do mesmo tema, sem o encanto musical original, rodando nos mesmos sulcos do velho e gasto disco, produzindo sons rangedores e desarmoniosos e tantas vezes tocando em 33 rotações e ignorando a existência do CD, mais me pergunto se perigoso ou temível não seria justamente o estagnado, o já conhecido, o repetitivo e que – por isso – produz inércia. O que não provoca coceiras, dúvidas, impasses, desejos, não causa surpresas, não traz novos ângulos e facetas, não ajuda exatamente a crescer. Por todas essas razões... Por que preferir a pasmaceira sonolenta e bocejante ao frêmito do ainda não testado, não experimentado, não vivido? (ABRAMOVICH, 1998, p. 105).

Há certa desproporção entre o espaço reservado para o intelecto e a corporeidade. Nesse caso, poderia imaginar a escola como um ser de cabeça imensa com um corpo diminuto, ou seja, deformado.

Como já mencionado no capítulo anterior, o papel do desenvolvimento da motricidade, sobretudo com as crianças em idade escolar (ensino fundamental I), é de total e extrema importância no que diz respeito ao desenvolvimento da inteligência, dos sentimentos, das relações sociais, etc.

A escola exige que a criança leia, escreva, calcule, enfim, que compartilhe símbolos, linguagens comuns a uma sociedade. Paradoxalmente, essa atitude socializada deve ser praticada em carteiras que isolam as crianças umas das outras e através de tarefas individuais. Em resumo, exige-se uma atitude socializada através de práticas individualizadas. (FREIRE, 2009, p. 163).

A partir desse fragmento, podemos observar o equívoco que se estabelece quando a ação não condiz com a proposta estabelecida. Mesmo considerando a interdisciplinaridade um componente indispensável ao ensino, à utilização de práticas corporais que auxiliem na assimilação de conteúdos das várias disciplinas, não é utilizada em sala de aula.

Podemos perceber a dificuldade dos autores em abordar a questão da interdisciplinaridade, justamente por não estar inserida em nossa realidade, portanto não é fácil ser compreendida. Podemos notar certo grau de complexidade no conceito, apesar da interdisciplinaridade ser utilizada em diversos contextos. A palavra *disciplina*, enquanto base, marca a fragmentação dos saberes que limitam os territórios do conhecimento, enquanto o *inter* demonstra um caráter de confronto e reconexão, que apresenta uma característica de superação dessa limitação territorial para complementar os conhecimentos. Nesse sentido, podemos perceber que a *interdisciplinaridade* é um conceito utilizado para superar os limites colocados pelas fragmentações disciplinadas, proporcionando-nos soluções com amplo campo de observação de mundo (POMBO, 2008, p. 13). A interdisciplinaridade é, nesse sentido, um conceito que exige a compreensão entre a relação de saberes, para além das bases disciplinares enquanto limitadoras dos territórios em que situam o conhecimento, do qual muitas vezes apresenta uma zona confortável e reprodutora. Nesse sentido, Steil (2011, p. 219) demonstra que

A trajetória interdisciplinar, portanto, liberta o pensamento individual das premissas, dos métodos e das regras de uma disciplina acadêmica específica ou de um grupo profissional coeso, catalizando uma visão sem amarras e potencialmente mais propensa à geração de ideias inovadoras para a resolução de problemas. Dito de outra forma, as disciplinas e as afiliações profissionais “disciplinam” os seus membros por meio de uma série de conceitos, métodos e padrões considerados legítimos, e também por recompensas e punições, processos representados por uma cultura epistêmica específica.

Compreendemos que a trajetória interdisciplinar não nos traz uma solução para os problemas da educação de modo geral, mas nos leva a pensar de modo mais amplo e criativo em novas possibilidades de abordagem pedagógica, que nos permita recriar uma identidade profissional.

Para que ocorra a interdisciplinaridade, é necessário, além de ultrapassar os limites das barreiras disciplinares, uma boa integração e solidez conceitual para sua operação. “Do profissional com trajetória interdisciplinar se espera a visualização de um fenômeno de vários ângulos e a compreensão de que uma perspectiva de conhecimento não é inerentemente superior à outra” (STEIL, 2011, p. 219). Pode-se notar que a interdisciplinaridade é organizada enquanto campo do conhecimento, que não é fragmentada, nem pensada parcialmente, contrapondo-se completamente ao posicionamento disciplinar, buscando solucionar os problemas reais partindo de diversas perspectivas, partindo da compreensão da realidade. Pensando a questão do corpo, a interdisciplinaridade está associada como mecanismo que compreende a totalidade do conhecimento humano e seus procedimentos que buscam desenvolver as competências. Um dos grandes desafios que identificamos ao longo dos nossos estudos é a adequação das instituições escolares que se organizam de modo disciplinar, limitando a aplicação das propostas interdisciplinares. Demonstra Steil (2011, p. 222) que,

Embora os mecanismos de poder que mantêm a estabilidade institucional da trajetória interdisciplinar sejam reais, argumenta-se que a trajetória interdisciplinar já trilhou etapas importantes no processo que conduz a institucionalização. O padrão típico de eventos de um processo que conduz a institucionalização envolve: o reconhecimento dos objetos; a aceitação destes por relativamente poucos atores e a sua ampla difusão e aceite (Lawrence et al., 2001). Para exemplificar, toma-se a área interdisciplinar da Capes como uma instância reguladora e normativa da dimensão da trajetória interdisciplinar.

Desse modo, percebemos que a formação interdisciplinar depende de uma regulação e aprovação institucional das entidades que normatizam e definem as propostas de educação interdisciplinar, que também dependem de difusão interna e aceitação dos principais protagonistas para sua aplicação. Apesar de compreendermos a interdisciplinaridade enquanto uma prática individual, dependente da prática docente, ao mesmo tempo, é um processo de senso compartilhado que depende de uma legitimidade da gestão institucional e difusão para haver aceitação.

Podemos então perceber que há múltiplas dimensões do conceito interdisciplinaridade. Podemos destacar tanto os benefícios quanto os desafios que são colocados para sua aplicação. No caso do Brasil, ainda é recente a prática da interdisciplinaridade. As organizações escolares são disciplinares e, como vimos, as disciplinas são limitadoras dos territórios do conhecimento enquanto a interdisciplinaridade como conhecimento é a negação total desse modo de fragmentação dos saberes. O corpo docente deverá ter um bom entendimento do conceito para sua aplicação, pois sabemos que a formação superior brasileira ainda é disciplinar, e esse é um dos grandes desafios das instituições superiores. Tanto é que o reconhecimento da trajetória interdisciplinar iniciou com a Capes nos cursos de pós-graduação no Brasil, que destaca a sua importância para o avanço da educação no país.

É ilusão pensar que só porque a criança passou da educação infantil para o ensino fundamental, agora ela irá obedecer às regras impostas pela escola, de sentar em colunas, com a postura ereta, imobilizadas e quietas. Essa reflexão fica clara nas palavras de Freire (2009, p. 146), quando diz:

Vejam uma regra incompreensível para as crianças: para aprender o que se ensina na escola é preciso ficar sentado numa cadeira, sem se mexer, sem falar. Tanto é que, em qualquer oportunidade que apareça, as crianças a transgridem.

Imagem 21 – A pedagogia corporal



Fonte: Roberta Bighi (2012)

O corpo possui uma infindável capacidade de educar-se, e a inteligência corporal é o componente fundamental no processo de adaptação dos seres humanos ao seu meio ambiente.

Uma “educação de corpo inteiro” não é apenas uma educação do ou pelo movimento, mas aquela em que o corpo aprende a se movimentar qualitativamente melhor, bem como aprende a não se movimentar.

Ora, todos os movimentos produzidos num certo nível podem e devem servir de base para outras aquisições mais elaboradas. Assim, através dos movimentos aprendidos, se atingiriam outros, mais difíceis, ou aquisições não motoras, por exemplo, as intelectuais e as sociais. (FREIRE, 2009, p. 77).

As barreiras históricas entre a escola e o mundo social são intransponíveis; a escola não ensina o que se propõe e, em sala de aula, ensina-se, segundo João Batista Freire (2009, p. 112), “[...] como se os alunos não fossem corpo, como se não pudessem se movimentar, como se não passassem de um cérebro que registra informações”.

Quando a criança é colocada em uma sala de aula e lhe é apresentado conteúdos que pouco ou nada tem a ver com sua história de vida, ela recusa-se a aprender, ou, por medo de ser punida, assimila o conteúdo, mas como significado à não punição.

Nas aulas de educação física, onde a linguagem do corpo se faz elemento fundamental, geralmente ocorre o oposto: a criança imediatamente se identifica com o brincar, o jogar, o movimentar-se. O interessante seria aproximar a quadra do quadro, como evidencia Freire (2009, p. 153):

Os conteúdos da quadra têm de passar por uma sistematização que os aproxime dos conteúdos do quadro, e vice-versa. É preciso que o professor de classe fale de coisas que lembrem a vida, que o professor de educação física promova atividades que superem o saber da rua.

Contudo, ao discutirmos a dicotomia corpo-mente, teoria-prática, falamos em “ser um corpo” e não apenas “ter um corpo”. Nossas vivências, nossa maturidade, nossas atitudes são elementos essenciais ao nosso aprendizado, e à interação entre o eu, o outro e o mundo. O papel do professor é fundamental para que se desenvolva uma interação entre os conteúdos teóricos e a ação corporal, dentro da sala de aula. Mas como realizar efetivamente esta ação?

Lutar por uma educação corporal é lutar pelo princípio de uma aprendizagem humana e humanizante, em que em sua complexidade estrutural, o homem pode ser fisiológico, biológico, psicológico e antropológico. Só o corpo do homem não é um simples corpo, mas necessariamente um corpo humano,

que só é compreensível por meio de sua integração na estrutura social. (MOREIRA, 1995, p. 97).

A preocupação sempre está voltada ao aluno, seu aprendizado, sua evolução, seu desenvolvimento intelectual. O corpo, como mencionado anteriormente, é esquecido.

Ao pensarmos na melhoria corporal do aluno em sala de aula, precisamos, antes de tudo, pensar em como desenvolver um trabalho corporal com os professores, pois como um professor que não teve a oportunidade de vivenciar seu corpo pode propor que o seu aluno utilize a linguagem corporal como facilitador da aprendizagem?

2.3 Imagem corporal

Nosso corpo possui uma memória, uma identidade e uma história. No contínuo processo de experimentação e percepção, os diversos aspectos do corpo (fisiológicos, sociais, psicológicos e ambientais), se integram, se relacionam e se modificam a cada instante. A imagem corporal é a representação dessa identidade do corpo.

Imagem 22 – Ilusão de ótica



Fonte: Rita Sousa (2011)

É a partir do nosso corpo que conhecemos a nós mesmos, o mundo e o outro. A interação com o mundo externo e com o universo se dá quando nos conhecemos melhor, ampliando então nossa visão de mundo.

Imagem 23 – As possibilidades do corpo



Fonte: Vadim Stein (2016) -

A imagem corporal reflete a história de uma vida, o percurso de um corpo, cujas percepções integram sua unidade e marcam sua existência no mundo a cada instante. Percepções que se concretizam em um corpo. Nossa história é, antes de mais nada, a história de nossas experiências perceptivas. (TAVARES, 2003, p. 20).

Ao percebermos o mundo, e nós, com o nosso corpo, refletimos sobre a nossa ação no mundo, e sobre nosso desenvolvimento, conduzindo-nos ao entendimento de que tudo está vinculado a tudo. Universo e corpo partilham de um processo comum, e desse

compartilhamento é que emerge a individualidade do ser humano, refletindo-se em nossas ações e em suas consequências.

A imagem do corpo está em constante mudança, e tem traços característicos de toda nossa vida. Assim entendemos que existe uma construção contínua de uma forma que, imediatamente, é desconstruída e refeita novamente. Sendo assim, o modelo postural sempre está se modificando.

O homem não se define nem mesmo com a sua história completa. O significado de cada fato em si nunca se esgota; presente, passado e futuro nunca se isolam. A vivência da imagem corporal está totalmente vinculada às minhas relações com o mundo e a interação dos meus processos conscientes e inconscientes. Segundo Tavares (2003, p. 78), “Toda sensação é individual, singular, pertinente a um sujeito determinado. O sujeito constrói sua identidade corporal baseado na vivência de suas sensações”. Nas palavras da mesma autora,

Podemos dizer que quando nascemos, já há um esboço de nossa imagem no mundo externo construído por nossos pais e familiares sob uma forte influência da cultura. Esse corpo imaginário, cultural e ideal não corresponde ao nosso corpo concreto. Nossa identidade corporal se desenvolve baseado na vivência de sensações que emergem em nosso corpo real no contexto de um corpo imaginário. (TAVARES, 2003, p. 81).

Para melhor compreensão no que diz respeito à estruturação da imagem corporal, é necessário abordar alguns conceitos fundamentais que ajudarão a esclarecer a ideia de construção partindo das bases do imaginário.

Quando não conseguimos ter uma percepção do nosso corpo, também não temos a capacidade de reconhecer o corpo do outro. A imagem corporal tem um papel importante em cada movimento, e uma importância especial quando o movimento se refere ao próprio corpo.

Os movimentos relacionados e dirigidos ao nosso próprio corpo são diferentes tanto psicologicamente quanto fisiologicamente dos movimentos dirigidos a um objeto. De acordo com Schilder (1999, p. 64),

A ação tanto pode ser uma ação sobre nosso próprio corpo como sobre o corpo de outra pessoa, ou pode ser uma ação dirigida para e sobre um objeto definido. Como o conhecimento de nosso próprio corpo é uma função gnóstica diferente das funções gnósticas dos objetos, o indivíduo pode fracassar em ações dirigidas ao seu próprio corpo, enquanto as ações referidas aos objetos ficam preservadas.

As sensações interiores do corpo e as experiências visuais, com intensa relação nossa com o mundo, têm uma importância decisiva na construção da imagem corporal. São experiências vivenciadas através da ação. Evidenciamos essa reflexão nas palavras de Schilder (1999, p. 116-117):

Através de ações e determinações, damos a forma final a nosso eu corporal. Este é um processo contínuo e ativo de desenvolvimento. Sob a influência de impulsos internos, só artificialmente se podem separar as experiências sensoriais das atividades internas e das batalhas libidinais, que emanam de uma personalidade central. Provavelmente, o desenvolvimento do esquema corporal se dá, em grande parte, paralelamente ao desenvolvimento sensório-motor.

Nossa história nada mais é do que percepções que se concretizam em um corpo, a história de nossas experiências perceptivas, e a imagem corporal reflete o percurso desse corpo no decorrer da vida. Entendemos que a imagem corporal ultrapassa os limites do corpo. Qualquer coisa que tem origem no corpo ou que dele se separa, continua sempre a fazer parte da imagem corporal. A respiração, os odores, a voz, os fluídos corporais, ainda são partes da imagem corporal, mesmo quando já estão separados do corpo.

No desenvolvimento da imagem corporal, alguns fatores são fundamentais, como a produção de imagens e a estruturação da identidade do corpo. Lembrando que a imagem corporal é a representação mental do corpo, como citado anteriormente, o corpo se constrói para nós como uma identidade e uma realidade existencial. Para que ele possa existir para nós como unidade, é preciso permitir que ele vivencie e experimente, em todos os aspectos, no contexto espacial, temporal, fisiológico, afetivo e cultural.

Ao lembrarmos que corpo e mente, movimentos e percepções, relações afetivas e sociais são aspectos inseparáveis, percebemos que estes se relacionam entre si e que uma intervenção profissional significativa poderá provocar uma mudança corporal onde percepções e vivências poderão contribuir para o desenvolvimento da imagem corporal.

Ao diminuir a rigidez da minha imagem corporal, muda-se também a atitude psíquica.

Os seres humanos estão e são cercados por suas imagens corporais, e esse corpo pode ser transformado através de roupas, pinturas, e modificado como um todo, por meio de orifícios, tatuagens, intervenções cirúrgicas. Contudo, pode-se também modificar a imagem corporal de um modo menos invasivo, com as práticas corporais. As manifestações artísticas, assim como qualquer modo de expressividade pode libertar esse corpo, como já mencionado

anteriormente, de suas amarras. A expressão, por meio da linguagem corporal, é um desses caminhos.

Ao nos mexermos, afastamo-nos da figuração primária comparativamente rígida, e parece que esta se desestrutura ou fica parcialmente dissolvida até que o corpo retorne a uma das atitudes primárias. [...]. Descobrir quais movimentos se expressam ou não na imagem corporal é um problema fascinante. Também não se sabe se, durante um movimento, a imagem corporal sofre distorções relacionadas aos reflexos posturais que já estudamos. (SCHILDER, 1999, p. 228).

Imagem 24 – O corpo sem limites



Fonte: Autor desconhecido

Os movimentos expressivos, bem como toda emoção, modificam a imagem corporal. Quando sentimos raiva, o corpo se contrai, tornando-se mais firme e impondo limites. A alegria e a amizade, ao contrário, torna-nos mais receptíveis; abrimos os braços em um gesto de expansão tanto no aspecto físico como emocional.

Ao falarmos sobre as mudanças da imagem corporal, certamente estamos falando do corpo e seus limites. Observamos que, quando alguém se aproxima de nós, este está invadindo nosso espaço, conseqüentemente nossa imagem corporal, mesmo estando longe de tocar nosso corpo; percebemos, então, que as questões relacionadas com o modelo e as imagens corporais são também um fenômeno social.

Expandimos e contraímos o modelo postural do corpo; retiramos e adicionamos partes; reconstruímo-lo; misturamos os detalhes; criamos novos detalhes; fazemos isto com nosso corpo e com sua própria expressão. Fazemos experiências constantes com ele. Quando a experimentação através dos movimentos não é suficiente, acrescentamos a influência do aparelho vestibular e de intoxicantes da imagem. Quando, mesmo assim, o corpo não é suficiente para expressar as mudanças lúdicas e destrutivas que ocorrem nele, acrescentamos roupas, máscaras, jóias, que por sua vez também expandem, contraem, desfiguram ou enfatizam a imagem corporal e partes dela. (SCHILDER, 1999, p. 232-233).

Nesse sentido, entendemos que o movimento proporciona a diminuição das formas rígidas do modelo postural do corpo. Quando nos movemos, o corpo se altera utilizando reflexos posturais que não estão inteiramente em nossa consciência.

3 CAPÍTULO III – PERCURSO METODOLÓGICO

Um dos principais objetivos deste trabalho consiste no levantamento de discussões sobre a linguagem corporal e sobre os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação escolar em que se vive, em particular sob a forma de diretrizes de ação transformadora. Trata-se de facilitar a busca de soluções aos problemas reais para os quais os procedimentos convencionais têm pouco contribuído, devido à urgência de tais problemas (educação, informação, práticas políticas).

Ao tratarmos da linguagem corporal enquanto objeto de nossa pesquisa, é necessário captarmos as expressões de emoções e de tendências da linguagem no aspecto geral, reconhecendo a linguagem enquanto poder da fala humana, desenvolvida também no campo da psicologia da educação, fundamentada em bases filosóficas.

O presente estudo utiliza como metodologia o estudo de caso, que, como método de pesquisa, contribui para o conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, políticos, sociais e relacionados, usado em muitas situações, e comum na psicologia, sociologia, antropologia, assistência social, administração, educação, enfermagem e planejamento comunitário. De acordo com Yin (2015, p. 4),

Seja qual for o campo de interesse, a necessidade diferenciada da pesquisa de estudo de caso surge do desejo de entender fenômenos sociais complexos. Em resumo, um estudo de caso permite que os investigadores foquem um “caso” e retenham uma perspectiva holística e do mundo real.

A visão hierárquica dos vários métodos de pesquisa reforça uma concepção errônea de que a metodologia de estudo de caso só vale como pesquisa preliminar, e não pode ser usada para descrever (como os levantamentos e as histórias), ou testar proposições (como nos experimentos).

A pesquisa de estudo de caso, nessa perspectiva hierárquica, pode ser questionada, pois está longe de ser apenas como estratégia explicativa. Existem inúmeros e famosos estudos de caso explanatórios e descritivos encontrados nas principais disciplinas, como ciência política e sociologia. Saber identificar as vantagens e desvantagens dos vários métodos de pesquisa, vai além da questão hierárquica.

Para saber diferenciar entre as diversas metodologias de pesquisa, a mais importante e primeira condição é identificar o tipo de questão, como aponta Yin (2015, p. 11):

Em geral, as questões “o que” podem ser tanto exploratórias (quando qualquer dos métodos poderia ser usado) ou sobre a prevalência (quando seriam favorecidos os levantamentos ou as análises de arquivo). As questões “como” e “por que” provavelmente favorecem o uso de um estudo de caso, um experimento ou uma pesquisa histórica. A definição da(s) sua(s) questão(ões) de pesquisa é provavelmente o passo mais importante a ser dado no processo de pesquisa. [...]. O segredo é entender que suas questões de pesquisa possuem tanto substância – por exemplo, sobre o que é meu estudo? – quanto forma – por exemplo, estou fazendo uma pergunta “quem”, “o que”, “onde”, “por que” ou “como”.

Existem algumas preocupações sobre a pesquisa de estudo de caso, pois muitos pesquisadores desprezam a estratégia de que esta metodologia de pesquisa seja uma forma diferenciada de investigação empírica. Em outras palavras, “[...] os estudos de caso têm sido considerados como forma menos desejável de investigação do que os experimentos ou os levantamentos” (YIN, 2015, p. 20).

O método do estudo de caso enquadra-se como uma abordagem qualitativa, frequentemente utilizado para coleta de dados, e apesar de sofrer muitas críticas, como afirmativas de que os dados podem ser facilmente manipulados ou que os estudos de caso demoram muito gerando falta de objetividade, Yin (2015) afirma que, se o pesquisador não possuir as habilidades necessárias para a realização dos estudos de natureza científica, isso ocorrerá em qualquer outro método de investigação; sendo assim, não são inerentes ao método do estudo de caso.

Algumas variações nos estudos de caso como método de pesquisa têm gerado dúvidas, como, por exemplo, se a pesquisa poderá ser feita com um único caso e também com casos múltiplos. Segundo afirma Yin (2015, p. 19),

Sim, a pesquisa do estudo de caso inclui tanto estudos de caso único quanto de casos múltiplos. Embora algumas áreas, como a ciência política e a administração pública, tenham tentado distinguir entre duas abordagens [...], os estudos de caso único e de casos múltiplos são na realidade apenas duas variantes dos projetos de estudos de caso.

Desta forma, percebemos que o projeto que inclui casos múltiplos tem aumentado nos últimos anos. Em algumas áreas, observa-se que os estudos de casos múltiplos são considerados uma metodologia diferente, variantes de uma mesma estrutura metodológica, não existindo, portanto, uma distinção entre o estudo de caso clássico (único) e os estudos de casos múltiplos presentes em nossa pesquisa, pois

Os projetos de casos múltiplos têm vantagens e desvantagens distintas em comparação com os projetos de caso único. A evidência dos casos múltiplos é, muitas vezes, considerada mais vigorosa e o estudo, em geral, é, por essa razão, visto como mais robusto (Herriot & Firestone, 1983). Ao mesmo tempo, a justificativa para os projetos de caso único não pode ser satisfeita, geralmente, por casos múltiplos. Por definição, o caso incomum ou extremo, o caso crítico e o caso revelador envolvem provavelmente apenas casos únicos. Além disso, a condução de um estudo de caso múltiplo pode exigir recursos e tempo extensos, superiores aos meios de um único estudante ou de um investigador de pesquisa independente. (YIN, 2015, p. 60).

Diferente de uma analogia do passado, muitas vezes enganosa, na qual os casos múltiplos seguiam um projeto de amostragem, a seleção de casos múltiplos propicia um novo conjunto de questões, seguindo a lógica da “replicação”, do mesmo modo como se consideram os experimentos múltiplos.

Segundo aponta Yin (2015, p. 60), “[...] a lógica da replicação é análoga à usada nos experimentos múltiplos”. Cada caso deve ser cuidadosamente selecionado e entende-se que a lógica subjacente ao uso de estudos de casos múltiplos seja a mesma.

Outra questão que deve ser considerada, ao ser usado o estudo de casos múltiplos, é referente ao número de casos, necessários ou suficientes para o estudo. Deve-se pensar no número de replicações do caso, que gostaria de ter em seu estudo.

Analogamente, a designação do número de replicações depende da certeza que você deseja ter sobre os resultados dos casos múltiplos. Por exemplo, você talvez queira estabelecer duas ou três replicações literais quando sua teoria for simples e o assunto à mão não demandar um grau excessivo de certeza. No entanto, se sua teoria for sutil ou se você desejar um alto grau de certeza, pode exigir cinco, seis ou mais replicações. (YIN, 2015, p. 65).

Um ponto importante a destacar, segundo Yin (2015, p. 67), “[...] é que, embora todos os projetos possam levar a estudos de caso bem-sucedidos, quando você tiver a opção (e os recursos) os projetos de casos múltiplos podem ser preferidos aos projetos de caso único”.

Ao apostar “todas as fichas” em um único caso, você estará mais vulnerável, do que se pudesse fazer sua pesquisa com pelo menos dois casos. Nesse caso, você teria a possibilidade de replicação direta, reduzindo assim as críticas comumente feitas a um estudo de caso único, e, conseqüentemente, acima de dois casos, o efeito produzido seria ainda maior.

Existem várias fontes que podem evidenciar o estudo de caso, e cada fonte está associada com uma série de dados ou evidências; uma delas é um tipo de entrevista de levantamento, que utiliza como meio o questionário estruturado, utilizado nesta pesquisa.

Os sujeitos da presente pesquisa são professores das primeiras séries do ensino fundamental, e o universo é o âmbito escolar de uma escola pública, de período integral, localizada na cidade de São Paulo.

Nesse sentido, buscamos compreender dos sujeitos:

- a) Como a linguagem corporal auxilia a aprendizagem?
- b) Quais seriam os métodos para se utilizar a linguagem corporal como auxílio na aprendizagem?
- c) Quais seriam os obstáculos encontrados pelos professores para a aplicação da linguagem corporal?
- d) Analisar como os professores do ensino fundamental utilizam a linguagem corporal como auxiliar na aprendizagem.
- e) Verificar o que os professores do ensino fundamental entendem por linguagem corporal.

É fundamental compreender como é dada a importância da linguagem corporal no processo de aprendizagem na visão dos professores, estabelecendo relações entre linguagem corporal e aprendizado das diversas disciplinas.

3.1 Análise de dados

De acordo com o objetivo deste estudo, que é entender e compreender a linguagem corporal como instrumento facilitador da aprendizagem, bem como sua importância no desenvolvimento global do ser humano, realizamos uma pesquisa de estudo de caso, apoiados na metodologia de Yin (2015). O questionário estruturado com 33 (trinta e três) questões, o qual apresentamos na íntegra em anexo ao final do trabalho, foi o meio utilizado para a coleta de dados, como citado anteriormente e realizado com 15 (quinze) professores das séries iniciais do ensino fundamental de uma escola pública, caracterizando o estudo de casos múltiplos.

A primeira parte do questionário (questões de 1 a 13) foi elaborada para conhecer o perfil dos docentes, bem como sua formação, com informações sobre faixa etária, gênero, onde e quando concluíram a graduação, se estudaram em instituição pública ou particular, o que os levou a escolher o curso descrito, a quanto tempo trabalham na educação básica, se trabalham em mais de uma escola, e se exercem outras funções fora da área escolar.

Com base nesta análise, observamos que, de 15 (quinze) sujeitos, todos são do sexo feminino e têm formação em pedagogia, sendo 4 (quatro) deles com pós-graduação lato sensu em áreas correlatas, como especialização em gestão escolar, especialização em direito público e tributário, especialização em crianças com necessidades especiais. O tempo médio de trabalho na escola básica destes docentes é de 10 a 30 anos, sendo que 2 (dois) sujeitos atuam há mais de 30 anos. Observa-se, desta forma, que se trata de um grupo com grande experiência na educação básica.

A segunda parte da nossa pesquisa teve foco na maneira como os sujeitos desenvolvem suas aulas (questões de 14 a 24). O grupo foi questionado sobre: o local e os materiais utilizados nas aulas; o espaço físico aonde são desenvolvidas as aulas, bem como a sua organização; como é a participação dos alunos durante as aulas; o nível de relacionamento com os alunos; quais conteúdos são desenvolvidos e de que forma são distribuídos; qual a carga horária semanal e se o tempo é suficiente; quais são as estratégias utilizadas em aula (procedimentos metodológicos); dificuldades e facilidades encontradas para o bom desenvolvimento das aulas; relação/integração entre professores, direção, coordenação e alunos; a existência de atividades extra-aula.

De acordo com as respostas dadas, notamos que 8 (oito) destes sujeitos relataram que o local e o material de que dispõem para suas aulas são suficientes, 4 (quatro) responderam que o local é suficiente mas o material não, e 3 (três) afirmaram que local e material são insuficientes. Quando perguntados sobre o local aonde as aulas eram desenvolvidas, além da sala de aula, foram citados outros locais como: sala de vidro, biblioteca, sala de vídeo, sala de informática. Apenas 4 (quatro) sujeitos utilizavam a quadra e a sala de leitura como espaço alternativo para suas aulas, e 2 (dois) sujeitos também utilizavam a horta, sendo descrita como satisfatória a participação dos alunos.

Apoiados em Abramovich (1998), novamente indagamos se a inércia e a pasmaceira da repetição e da acomodação não seriam perigosas. O que não estimula, não provoca inquietações, não gera dúvidas e impasses, não causa surpresas, não ajuda justamente a crescer. Como observado em Freire (2009), a escola trata a criança como se ela não tivesse ou não fosse “corpo”, não pudesse se movimentar, e significasse, então, apenas um cérebro, pronto para registrar informações.

Como referido anteriormente em nosso estudo, a visão dicotômica de “corpo e mente” dificulta o entendimento de que atividades intelectuais e corporais podem e devem andar de

mãos dadas, pois ainda existe uma desproporção entre o espaço reservado para atividades que trabalham o intelecto e para aquelas reservadas para o movimento.

No que diz respeito aos conteúdos mais desenvolvidos em aula, foi evidenciado nas respostas dos sujeitos as disciplinas de português, matemática e ciências, que se destacam na visão dos docentes como suficientes e adequadas. Como estratégias de aula e procedimentos metodológicos, observamos que todos os sujeitos seguem o currículo oficial, que contempla as disciplinas de: língua portuguesa, língua estrangeira inglês, arte, educação física, matemática, ciências da natureza, ciências humanas, orientação de estudos, práticas experimentais, linguagens artísticas, educação emocional, assembleias.

Às vezes, outro recurso paralelo, como vídeo, filmes e informática, é utilizado. Dois sujeitos destacaram que trabalham com protagonismo infantil e um sujeito citou atividades desenvolvidas na horta (como plantio, observação e colheita). Nas atividades extra-aula, mais uma vez verificamos a sala de informática como opção.

A terceira e última parte do nosso questionário (questões de 25 a 33) tenta compreender o que os sujeitos entendem por linguagem corporal e em que medida utilizam esse recurso em suas aulas.

Ao perguntar “O que é linguagem?”, todos os sujeitos responderam ser uma forma de comunicar ideias e sentimentos. Destes, 4 (quatro) evidenciaram que a linguagem é um meio sistemático de comunicação, como verificado nas respostas abaixo:

É qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou pensamentos sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais. (Sujeito 1).

Meio sistemático de comunicação. (Sujeito 2).

É o sistema através do qual o homem comunica suas ideias e sentimentos, seja através da fala, da escrita ou de outros signos. (Sujeito 14).

Qualquer meio sistemático de comunicar ideias e sentimentos por meio de signos convencionais, sonoro, gráficos, gestuais etc. (Sujeito 15).

Podemos dizer que estas definições tratam de uma visão reducionista sobre linguagem. Nas nossas pesquisas, e apoiados no referencial teórico, entendemos que toda linguagem, seja ela falada, escrita ou expressa por meio de pinturas, danças, músicas, são meios valiosos de comunicação e expressão, e todas têm seu valor e significado, não se sobrepondo uma à outra. Ao valorizar a linguagem escrita como detentora da verdade, esquecemos do valor da

linguagem da percepção, dos sentidos, do corpo, da arte, que, como citado anteriormente, contribuem de modo significativo na construção do nosso repertório motor-sensorial-cognitivo.

Quando perguntado “O que é linguagem corporal?”, a resposta unânime foi, em linhas gerais: a comunicação não verbal, uma forma de se expressar, quem fala é o corpo. Novamente nos deparamos com um conceito do senso comum, observado nas respostas a seguir:

É uma forma de comunicação não verbal, abrange gesto, postura, expressões faciais, é uma forma criar com o corpo. (Sujeito 1).

É uma forma de expressão por meio do corpo. (Sujeito 2).

Articular seu corpo, relaxar, educar o emocional. (Sujeito 3).

O corpo fala através de gestos e expressões. (Sujeito 4).

Informações transmitidas pelo corpo (gestos, olhares, expressões). (Sujeito 5).

Quando o corpo fala expressando sentimentos de acordo com o que estou sentindo ou vivenciando. (Sujeito 6).

Sentimentos expressivos do ser humano em geral. (Sujeito 7).

Informações transmitidas pelo corpo (gestos, olhares, expressões faciais...). (Sujeito 8).

É uma linguagem não-verbal, onde quem fala é o corpo. (Sujeito 9).

Uma forma de se expressar. (Sujeito 10).

É uma comunicação não-verbal, onde o corpo fala. (Sujeito 11).

Forma de comunicação não verbal. Através de gestos, postura, expressão facial, movimentação dos olhos. (Sujeito 12).

O corpo fala através de gestos e expressões. (Sujeito 13).

É uma forma de comunicação não-verbal, como: gestos, posturas, expressões faciais etc. (Sujeito 14).

É se expressar por meio do corpo, se comunicar não-verbal por gestos, postura, expressões faciais, movimento dos olhos. (Sujeito 15).

O corpo não fala apenas; e mais ainda, não fala sozinho. Sustentados por nossos referenciais teóricos, entendemos que o corpo não é apenas um conjunto de pele, ossos e

órgãos, dotado de movimento; vai muito além, ele é pulsional, simbólico e imaginário. As evidências observadas nas pinturas rupestres confirmam a existência de rituais, danças e manifestações que vão muito além da fala, no qual o ator em destaque é o corpo e suas expressões. Nós não nascemos prontos; no decorrer de nossa existência, estamos nos construindo a partir do contato com o mundo e com o outro, com as experimentações e vivências que o nosso corpo é capaz de provar.

Nas considerações de Tavares (2003), concordamos que o corpo é uma totalidade, uma entidade física, um objeto importante para nós, que está sempre presente e em constante transformação. É na carne que provamos os sabores da existência, sejam eles adocicados ou amargos.

Percebemos que, ao questionarmos sobre o desenvolvimento de atividades corporais nas aulas, 6 (seis) sujeitos relataram que desenvolvem uma atividade extra-sala, chamada de “educação emocional”, onde o aluno trabalha a percepção dos seus sentimentos, bem como o entendimento de si e do outro, 1 (um) sujeito não respondeu a questão, 1 (um) sujeito citou a “brincadeira do silêncio”, 1 (um) sujeito disse que a professora especialista desenvolve as atividades corporais, 1 (um) sujeito respondeu que não trabalha com atividades corporais em aula, 5 (cinco) sujeitos usam o relaxamento como recurso.

De acordo com nossa análise, observamos que o trabalho corporal realizado em sala de aula tem, na sua maioria, o objetivo de relaxar e principalmente “acalmar” o aluno. Interessante notar que, ao responder o questionário, a palavra “acalmar” vem acompanhada de um ponto de exclamação, quase como uma súplica, como mostraremos abaixo:

Acalmar, e é uma forma de comunicação. (Sujeito 1).

Importante para retomar as aulas, acalmar, etc. (Sujeito 3).

Acalma! (Sujeito 4).

De grande valia! Acalma! (Sujeito 14).

É importante para acalmar, relaxar e concentrar. (Sujeito 15).

Amparados por Freire (2009), refletimos mais uma vez sobre a incoerência com a qual nos deparamos ao adentrar no âmbito do ensino escolar: ao mesmo tempo em que a escola exige que o aluno aprenda a ler, escrever, calcular, ou seja, compartilhar símbolos e linguagens comuns à sociedade, ela priva essa mesma criança de se relacionar ou interagir com os demais, isolando-a em um pequeno espaço chamado de “carteira”. Acalmar o aluno,

ou seja, acalmar o seu corpo, seria então uma maneira de doutrinar e controlar os impulsos naturais e vitais de toda a expressividade da criança. Para aprender é preciso ficar sentado, quieto e sem se mexer, veja, uma regra incompreensível para as crianças! Ainda mais se pensarmos em uma escola de tempo integral, como a escola em questão. Na primeira oportunidade, com certeza, essa regra será burlada, pois, mais uma vez enfatizamos: nosso corpo foi criado para o movimento, e é assim que ele aprende.

Em Sant'Anna (2001), encontramos também a reflexão sobre a ânsia de tentar encontrar uma forma de controlar e conhecer o próprio corpo, que, de duas maneiras distintas, teve sua abordagem. Na primeira, identificamos o corpo submetido à ordem natural, cosmológica e às regras morais; na segunda, uma visão mais contemporânea que, por meio do desprendimento de vínculos religiosos, morais e genéticos, tenta controlar o corpo. Uma tarefa árdua e arriscada que é perseguida até hoje, sem sucesso, por várias culturas.

Observamos que, de 15 (quinze) sujeitos, apenas 3 (três) compreendem que o trabalho corporal pode ser uma estratégia e um fator motivacional para que o processo ensino aprendizagem se desenvolva de forma diferenciada. Evidenciamos esse relato nas respostas dadas pelos sujeitos 10, 11 e 13:

Auxilia no conhecer melhor a criança, trabalhar com ela de maneira diferenciada. (Sujeito 10).

Pode ser usada como uma estratégia para melhorar e favorecer o processo qualidade do ensino-aprendizagem. (Sujeito 11).

Com suas expressões e postura podem motivar os alunos. (Sujeito 13).

Evidenciamos, em nossa pesquisa, que o fator da faixa etária ou do tempo de atuação na educação básica não foi um diferencial ou um fator determinante nas respostas referentes ao trabalho corporal. Evidenciamos que ter experiência docente nem sempre é sinônimo de qualidade. O mesmo ocorre no que diz respeito à faixa etária dos sujeitos atuantes. O fato de se ter menos “idade” não está relacionado com inexperiência.

Entendemos, portanto, que o corpo não está separado do mundo, há uma comunhão entre corpo, alma, cultura e aprendizado, e a linguagem corporal, enquanto mediadora, se faz presente e é fator contribuinte e fundamental para a compreensão e apreensão dos diversos conteúdos.

Como referido por Moreira e Simões (2006), a corporeidade vivida em sua plenitude deverá contribuir para uma melhor compreensão e melhor desenvolvimento das questões

relacionadas à aprendizagem. De acordo com as respostas encontradas em nossa análise, percebemos grande dificuldade em se trabalhar com o corpo e por meio dele, na sua totalidade, para uma melhor e mais prazerosa apreensão dos conteúdos educacionais.

Constatamos em nosso estudo que algumas questões, referentes a educação, ainda estão incorporadas na visão sobre a aprendizagem, principalmente no que se refere aos atributos mentais, como observado em Freire(2009), que reflete sobre como a escola trata o aluno: apenas como um cérebro que registra informações, um cérebro sem corpo, ou seja, sem movimento.

Neste sentido, e na verificação dos dados analisados, podemos dizer que, de acordo com nossa investigação, percebemos a dificuldade do entendimento do que é a linguagem corporal e como ela pode contribuir para o processo de aprendizagem. 7 (Sete) dos 15 (quinze) sujeitos que responderam ao questionário relataram que acham muito importante o trabalho corporal, pois, segundo eles: é importante no desenvolvimento das crianças; é um fator motivacional; é tão importante quanto a linguagem oral. Mas fica clara a dificuldade de colocar realmente em prática aquilo que se fala.

Portanto, percebemos que há muito mais a se fazer no sentido de se aprofundar em conhecer o papel do corpo, enquanto recurso promotor de aprendizagem. Notamos que os professores participantes do estudo, não demonstraram envolvimento em nenhum processo de aprofundamento nas questões acima citadas, o que seria de extrema importância para a aplicabilidade deste recurso didático em suas aulas.

Como visto anteriormente, o que era especialidade da criança até ingressar no ensino fundamental, ou seja, o brincar, foi substituído abruptamente pela escolarização. Ao romper o processo de vivência corporal da criança, rompe-se também o desenvolvimento de um conhecimento que não será aproveitado em sala de aula, a apreensão de ações e pensamentos que serão decisivas no decorrer da vida, nos aspectos cognitivos e também corporais.

Segundo citado em nossa pesquisa, Freire (1997) afirma que o corpo, e suas ações, são esquecidas na ânsia de muitos pais e também de professores, em alfabetizar uma criança que acabou de entrar no ensino fundamental. Vale lembrar que entre a grafia de uma palavra e o mundo concreto há um importante mediador: o corpo. As vivências corporais contribuem significativamente para a apreensão dos diversos conteúdos, e a linguagem corporal é o elo de ligação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como base a compreensão da linguagem corporal enquanto promotora da aprendizagem, e as referências feitas neste estudo podem servir como um ponto de partida para os profissionais da área da educação atuarem com um diferencial para promover um melhor e mais prazeroso caminho para a aprendizagem.

A compreensão do seu “próprio corpo” dá ao professor sentido e direção ao seu trabalho. Ao conhecer o meu corpo e suas linguagens, compreendo melhor o corpo do meu aluno e possibilito sua vivência. Entendemos, nas considerações de Freire (1997, p. 63), que “[...] o movimento corporal pode e deve ser um recurso valioso [...]”. Quando o corpo é um intruso, fica difícil falarmos em uma educação concreta.

Ao observar que a sala de aula é o local onde os professores passam a maior parte do tempo com seus alunos, e que ao sair desse espaço migram para um espaço semelhante aonde o aluno permanece sentado em uma cadeira ou carteira para aprender, percebemos que existe certa dificuldade, por parte dos sujeitos questionados, em associar o movimento à aprendizagem.

Consideramos, desse modo, que existe, na verdade, falta de conhecimento, por parte dos docentes, do que é de fato a linguagem corporal e como ela poderia auxiliar o processo de ensino-aprendizagem, tornando o desenvolvimento das diversas disciplinas mais interessante e prazeroso. Ao falar sobre corpo ou linguagem corporal, a educação física é a primeira, senão a única disciplina a ser mencionada, pois a visão de que o corpo foi feito para o movimento e a mente para o intelecto, infelizmente, ainda faz parte do espaço escolar.

Como referido anteriormente em nosso estudo, a visão dicotômica de “corpo e mente” dificulta o entendimento de que atividades intelectuais e corporais podem e devem andar de mãos dadas, pois ainda existe uma desproporção entre o espaço reservado para atividades que trabalham o intelecto e para aquelas reservadas para o movimento.

Sugerimos um maior trabalho em relação às vivências corporais, primeiro dos professores, para que possam conhecer e exercitar sua corporeidade a fim de compreender a importância do corpo no processo de aprendizagem, para que posteriormente sejam capazes de levar e aplicar esse recurso metodológico em suas aulas, para que assim possamos de fato contribuir para a formação de pessoas que sejam únicas e não duais, completas e não fracionadas, na mais intensa vivência de sua corporeidade.

Imagem 25 – Alfabeto humano



Fonte: Howard Schatz

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *O professor não duvida! Duvida?* São Paulo: Gente, 1998.
- BATISTA, José Carlos de Freitas. *Vivências corporais na escola: uma experiência da educação física com professores de educação infantil e das quatro séries iniciais do ensino fundamental*. 2006. 94 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Unicamp, Campinas, 2006.
- BAPTISTA, Ana Maria Haddad. *Educação, Linguagens e Livros*. São Paulo: BT Acadêmica, 2015.
- BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaios sobre a imaginação do movimento*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BORGES, Elaine Ferreira do Vale. *Uma reflexão filosófica sobre abordagens e paradigmas na constituição da subárea Ensino-Aprendizagem de LE/L2 na Linguística Aplicada*. Tese (Doutorado em Educação – Educação e Linguagem) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- CHANGEUX, Jean Pierre. *O homem neural*. Lisboa: Dom Quixote, 1991.
- _____; RICOEUR, Paul. *O que nos faz pensar?* Lisboa: Edições 70, 1998.
- CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente*. São Paulo: Unesp, 2006.
- DAMASIO, Antônio. *Mistérios da consciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papirus, 1995a.
- _____. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a educação física. *Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS*, v. 2, n. 2, p. 24-28, jun. 1995b.
- DE MARCO, Ademir. Educação Física e desenvolvimento humano. In: _____ (Org.). *Educação Física: cultura e sociedade*. Campinas: Papirus, 2006. p. 129-155.
- _____. *Pensando a Educação Motora*. São Paulo: Papirus, 1995.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FACHIN, Odília. *Fundamentos de metodologia*. São Paulo: Saraiva, 2001.
- FARO, Antônio José. *Pequena história da dança*. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FITZGERALD, Hiran; BUNDY, Robert S. *Ritmo, tempo e comportamento*. São Paulo: Brasiliense, 1978. (BIP).
- FRAISSE, Paul. Psychologie du rythme. *Resume dans Bulletin de Psychologie*, Paris, v. 318, n. 28, p. 16-17, 1975.

FREIRE, João Batista. Antes de falar de educação motora. In: DE MARCO, Ademir. *Pensando a educação motora*. São Paulo: Papirus, 1995. p. 37-45.

_____. *Educação de corpo inteiro*. São Paulo: Scipione, 1997.

_____. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática na educação física*. São Paulo: Scipione, 2009.

_____. *Educação como prática corporal*. São Paulo: Scipione, 2003.

FREIRE, Madalena. *Observação, registro e reflexão*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1992.

GABRIELSSON, Alf. Similarity ratings and dimension: analyses of auditory rhythm patterns. *Scandinavian Journal of Psychology*, Estocolmo, v. 14, n. 1, p. 138-170, sept. 1973.

GONÇALVES, Maria Augusta Soares. *Sentir, pensar, agir*. Campinas: Papirus, 1994.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

_____. *Que é isso, a Filosofia? Identidade e Diferença*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

LABAN, Rudolf. *Domínio do movimento*. Edição organizada por Lisa Ullmann. Tradução de Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto. Revisão técnica de Anna Maria Barros De Vecchi. São Paulo: Summus, 1978.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *A pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de linguagem: de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

MATOS, Gregório de. *[Obras de Gregório de Matos]*. Direção de Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1923-1933. (6 volumes: Sacra, I, 1929; Lírica, II, 1923; Graciosa, III, 1930; Satírica, IV e V, 1930; Última, VI, 1933).

MOREIRA, Wagner Wey. Perspectivas da Educação Motora na Escola. In: DE MARCO, Ademir (Org.). *Pensando a Educação Motora*. São Paulo: Papirus, 1995. p. 95-103.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina. Educação Física, Corporeidade e Motricidade: criação de hábitos para a educação e para a pesquisa. In: DE MARCO, Ademir (Org.). *Educação Física: cultura e sociedade*. Campinas: Papirus, 2006. p.71-85.

PAZ, Octávio. *O Arco e a Lira*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

_____. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

PEIRCE, Charles Sanders. *O que é um signo?* Tradução de Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PIAGET, Jean. *A representação no mundo da criança*. São Paulo: Ideias e Letras, 2005.

POMBO, Olga. Epistemologia da Interdisciplinaridade. *Ideação*: Revista do Centro de Educação e Letras, Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p. 9-40, 1º sem. 2008. Disponível em: <<http://erevista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4141/3187>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

RAPPAPORT, Clara Regina. *Psicologia do desenvolvimento*. São Paulo: EPU, 1981.

REICH, Wilhelm. *Análise do Caráter*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos Eus. In: SILVA, Thomas Tadeu da (Org.). *Nunca fomos humanos*. Nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 137-204.

SANTAELLA, Lúcia. *Corpo e Comunicação*: Sintoma da Cultura. São Paulo: Paulus, 2008.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem*: Ensaio sobre a Subjetividade Contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SCHILDER, Paul. *A imagem do Corpo*: as energias construtivas da psique. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SOARES, Carmem Lúcia. *Imagem da educação do corpo*: um estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. 2. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2002.

STEIL, Andrea Valéria. Trajetória interdisciplinar formativa e profissional na sociedade do conhecimento. In: PHILLIPE JUNIOR, Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. (Org.). *Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Inovação*. Barueri: Manole, 2011. p. 209-228.

TAVARES, Maria da Consolação G. Cunha F. *Imagem Corporal*: conceito e desenvolvimento. Barueri: Manole, 2003.

TAVARES, Manuel; RICHARDSON, Roberto Jarry (Org.). *Metodologias qualitativas*: teoria e prática. Curitiba: CRV, 2015.

VIANNA, Angel; CASTILHO, Jacyan. Percebendo o corpo. In: GARCIA, Regina Leite. *O corpo que fala dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 73-86.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Pensamento e Linguagem*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WILLEMS, Edgard. *Las bases psicológicas de la educación musical*. 3. ed. Buenos Aires: Eudeba, 1969.

YIN, Robert K. *Estudo de Caso*: planejamento e métodos. Tradução de Cristhian Matheus Herrera, 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

SITES E OUTRAS FONTES

<<https://br.pinterest.com/pin/355784439299013826/?lp=true>>.

<<http://www.mvpavan.com.br/blog/tag/fotos-dancarinos-nus/>>. Imagem 1.

<<https://br.pinterest.com/pin/268597565257531111/?lp=true>>. Imagem 2.

<w.gasperi.blog.uol.com.br>. Imagem 3.

<<http://desfabulacoes.blogspot.com.br/2010/12/magia-de-anne-geddes.html>>. Imagem 4.

<<http://webtudo.net/doi-bebes-resolvem-colocar-o-papo-em-dia/>>. Imagem 5.

<<http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=3&evento=1>>. Imagem 6.

<<https://www.behance.net/gallery/44055007/Marina-Bogomolova-Kira-Noire-and-EvegenyGreshilov>>. Imagem 7.

<<http://www.giroemipiau1.com.br/2015/02/giro-social-nossa-terra-nossa-gente.html>>. Imagem 8.

<<https://500px.com/stein>>. Imagem 9.

<<http://www.agendainfantil.com.br/index.php/coluna-do-papai/item/87-brincadeiras-dotempo-da-vovo>>. Imagem 10.

<http://www.sistemadinamico.com.br/portfolio/web/oestechique/pt/site_extras_detalhes.asp?id=4525>. Imagem 11.

<<https://fortissima.com.br/2014/04/24/para-animar-criancada-jogos-brincadeiras-e-atividadespara-criancas-partir-dos-10-anos-53915>>. Imagem 12.

<<https://br.depositphotos.com/21430853/stock-photo-human-alphabet-multicultural-childrenwork.html>>. Imagem 13.

<<http://giulianofilosofo.blogspot.com.br/2009/09/corpo-e-alma-em-aristoteles-i.html>>. Imagem 14.

<<https://www.todamateria.com.br/homem-vitruviano/>>. Imagem 15.

<<https://zonalibreradio1.wordpress.com/tag/pinceladas-del-mundo/page/2/>>. Imagem 16.

<juliorossi.blogspot.com.br/2008/04/maneirismo.html>. Imagem 17.

<<https://br.pinterest.com/pin/295548794288357190/>>. Imagem 18.

<yandex.ru/collections/user/margaritkaoma/chno-belye-fotografii-balerin-v-tantse/>. Imagem 19.

<<http://www.clubotaku.org/niji/socie/o-papel-das-gueixas/>>. Imagem 20.

<<http://www.rioeduca.net/blogViews.php?id=2390>>. Imagem 21.

<<http://www.ricardosetti.com/bale-chines-das-mil-maos/>>. Imagem 22.

<<https://br.pinterest.com/pin/268316090279049818/>>. Imagem 23.

<<https://br.pinterest.com/pin/192669690291609608/>>. Imagem 24.

APÊNDICE A – Pesquisa docente

Sigilo

Todas as informações coletadas neste estudo serão mantidas em sigilo. Apesar dos resultados serem disponibilizados à comunidade, em nível nacional e/ou internacional, garantimos-lhe que você, esta escola ou qualquer membro da equipe docente não serão identificados em qualquer relatório sobre os resultados do estudo. A participação dos professores é voluntária.

Sobre este questionário

Este questionário tem como objetivo proporcionar a compreensão da Linguagem Corporal e seus significados para uma aplicação efetiva das atividades pedagógicas nas séries iniciais do ensino fundamental com fins educacionais para o programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), orientado pela Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista.

Muito obrigada por sua cooperação!

Profa. Claudia Nolla

Pesquisa docente

- 1) Qual a sua data de nascimento?
- 2) Sexo?
- 3) Qual a sua formação na graduação?
- 4) Escola Pública ou Particular?
- 5) Qual o ano de conclusão?
- 6) O que levou você a escolher o curso descrito?
- 7) Você possui Pós-Graduação? Qual ou Quais e em que nível (Especialização, Mestrado, Doutorado)
- 8) Escola Pública ou Particular?
- 9) Qual o ano de conclusão?
- 10) O que levou você a escolher o curso descrito?
- 11) A quanto tempo você trabalha na Educação Básica?
- 12) Você trabalha em mais de uma Escola?
- 13) Você exerce outras funções fora da área escolar? Caso afirmativo descreva

- 14) Você acha o local e o material adequado suficiente para o desenvolvimento de suas aulas?
- 15) Onde suas aulas são desenvolvidas (quadra, sala de aula e/ou em outros lugares). Descreva;
- 16) Como você organiza suas aulas
- 17) Como você vê a participação dos alunos durante as aulas? (Insatisfatório, satisfatório, outros)
- 18) Qual o seu nível de relação com os alunos? (Insatisfatório, satisfatório, outros);
- 19) Quais conteúdos são desenvolvidos nas suas aulas e de que forma são distribuídos (por semana, mensalmente, por bimestre, outros)?
- 20) Qual a carga horária de suas aulas na semana? Você acha o tempo das aulas suficiente?
- 21) Quais procedimentos metodológicos (estratégias/meios) você utiliza?
- 22) Descreva facilidades e dificuldades encontradas para o desenvolvimento de suas aulas? (Material, local, apoio da direção/coordenação, outros)
- 23) Existe uma integração entre os professores, direção, coordenação, alunos e comunidade no desenvolvimento do planejamento? Se existe de que forma isto acontece?
- 24) Existe em seu programa atividade extra-aula? Caso afirmativo, descreva
- 25) O que é Linguagem para você?
- 26) O que é Linguagem Corporal para você?
- 27) Você desenvolve atividades corporais com seus alunos? Caso afirmativo, quais?
- 28) Qual a importância do trabalho corporal com seus alunos?
- 29) Como você vê seus alunos em relação ao movimento corporal?
- 30) Expressão corporal é o mesmo que Linguagem corporal?
- 31) Como a Linguagem corporal pode auxiliar no processo de ensino aprendizagem?
- 32) Em quais espaços você desenvolve suas aulas?
- 33) Você pratica alguma atividade física? Caso afirmativo, o que você pratica e qual a importância?

RESPOSTAS:

- 1)
- 2)
- 3)
- 4)
- 5)
- 6)
- 7)
- 8)
- 9)
- 10)
- 11)
- 12)
- 13)
- 14)
- 15)
- 16)
- 17)
- 18)
- 19)
- 20)
- 21)
- 22)
- 23)
- 24)
- 25)
- 26)
- 27)
- 28)
- 29)
- 30)

31)

32)

33)

**ANEXO –
A Sujeito 1**

ANEXO -

Sujeito 1

RESPOSTAS:

- 1) 11/05/1964
- 2) Irmãos
- 3) Graduada em Pedagogia / magistério
- 4) Particular
- 5)
- 6) Porque eu já tinha o curso de magistério e já tinha.
- 7) não
- 8) —
- 9) —
- 10) —
- 11) 16 anos
- 12) não
- 13) não
- 14) não
- 15) na sala de aula, biblioteca, sala de informática, quadra sala de vídeo.
- 16) Planejando, fazendo ritmo antecipadamente.
- 17) Satisfatório
- 18) Satisfatório, me relaciono muito bem com eles.
- 19) Língua Portuguesa, alfabetização, matemática e C.H. e da natureza.
- 20) É suficiente, 40 horas.
- 21) matérias diversas; livros, folhetos, uso das tecnologias filmes entre outros

- 22) Realizo meu trabalho em facilidade
- 23) Sim, em situações específicas.
- 24) não
- 25) É qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou ^{pensamentos} sentimentos através de signos convencionais numeros, gráficos, gestuais;
- 26) É uma forma de comunicação não verbal, abrange gesto, postura, em o corpo, expressões faciais, é uma forma criativa
- 27) sim, movimentos.
- 28) Acalmar, e é uma forma de comunicação.
- 29) O movimento do corpo é essencial no processo de alfabetização.
- 30) sim
- 31) não
- 32) no chão, quadra, Pátio.
- 33) Raminhada.

**ANEXO –
B Sujeito 2**

Sujeito 2

RESPOSTAS:

- 1) 08/02/1968
- 2) FEMININO
- 3) PEDAGOGIA
- 4) PARTICULAR
- 5) 2003
- 6) POR INTERESSE NO CURSO
- 7) SIM, ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO ESCOLAR
- 8) PÚBLICA
- 9) 2008
- 10) NA ÉPOCA EU FAZIA PARTE DO CORPO DE GESTORES DE UMA ESCOLA
- 11) 29 ANOS
- 12) NÃO
- 13) NÃO
- 14) LOCA SIM, MATERIAL PODERIA SER MELHOR. O GOVERNO PODERIA INVESTIR MAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA.
- 15) EM SALA DE AULA (ALFABETIZAÇÃO).
- 16) PREPARO A ROTINA DA SEMANA. ELABORO AS ATIVIDADES E IMPRIMO EM CASA.
- 17) SATISFATÓRIO
- 18) EXCELENTE
- 19) LÍNGUA PORTUGUESA (ALFABETIZAÇÃO) E MATEMÁTICA
- 20) 40 HORAS SEMANAIS (SUFICIENTE)
- 21) MATERIAIS DIVERSOS: LIVROS, ZAPÓS, USO DAS TECNOLOGIAS, FILMES ENTRE OUTROS.

ANEXO –

- 22) REALIZE MEU TRABALHO COM FACILIDADE.
- 23) SIM, EM REUNIÕES ESPECÍFICAS.
- 24) NÃO.
- 25) MEU SISTEMA DE COMUNICAÇÃO.
- 26) É UMA FORMA DE EXPRESSÃO POR MEIO DO CORPO.
- 27) SIM, RELAXAMENTO, DANÇA, ALENÇAMENTO, EXPRESSIONES FACIAIS.
- 28) ACREDITO QUE A LINGUAGEM CORPORAL SEJA TÃO IMPORTANTE QTO A LINGUAGEM ORAL NA HORA DA COMUNICAÇÃO.
- 29) O MOVIMENTO DO CORPO É ESSENCIAL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO. É PRECISO TER UM DESENVOLVIMENTO DA COORDENAÇÃO MOTORA PARA APRENDER O TRAÇADO DAS LETRAS.
- 30) SIM.
- 31) NO DESENVOLVIMENTO DA COORDENAÇÃO MOTORA CORPORAL.
- 32) NO CHÃO, QUADRA, SALA DE AULA ENTRE OUTROS.
- 33) CORRIDA. FONTE DE VIDA PARA MIM.

ANEXO –

C Sujeito 3

Sujeito 3

RESPOSTAS:

- 1) 04/08/1966
- 2) Feminista
- 3) Direito e Pedagogia
- 4) Particular / USTT - Mackenzie
- 5) 2004 - 2015
- 6) sempre me interessei pela saúde das mulheres (ensinar / pregar / defender /)
- 7) Especialização - Direito Público / Tributário
- 8) Particular
- 9) 2008
- 10) trabalho na área
- 11) 35 anos
- 12) não
- 13) sim.
- 14) não
- 15) sim, aulas expositivas, aulas (vídeo, sala de aula - quadro - informática etc.)
- 16) Por meio de uma rotina, descrevendo a e preparando as aulas anteriormente.
- 17) Sim, na grande maioria (aula participativa)
- 18) Obvio que não agradam todos, mas é melhor do que o patetismo
- 19) L.P. mat. QHN.
- 20) 40 horas semanais, sim, suficiente
- 21) Diversos - aula expositiva / vídeo / informática entre outros. . .

ANEXO –

Facilidades - espaços adequados.
Dificuldades - material e recursos
insuficientes.

22) Sim, por meio de reuniões e estudos,

23)

24) Sim; aulas diferenciadas - culinária,
experiência, assembleia.

25) Toda forma de expressão

26) Articular, ou seja, relaxar, educar
o emocional.

27) Sim, relaxamento diário

28) Importante para retomar as aulas,
acalmar, etc.

29) muito gratificante, ajuda a desenvolver
um novo ser a cada dia.

30) Sim, Entendo que sim.

31) Ajuda a desenvolver habilidades do
cérebro, atinando para uma melhor concentração.

32) Em todos os espaços que necessitar e
seja possível a todo aula desenvolvida.

33) Não, sou sedentária.

ANEXO –

D Sujeito 4

ANEXO -

Sujeito 4

RESPOSTAS:

- 1) 7/04/69
- 2) FEMININO
- 3) MAGISTERIO / PEDAGOGIA / EDUCACAO FISICA
- 4) PÚBLICA
- 5) 1990
- 6) INFLUÊNCIA FAMILIAR
- 7) NÃO
- 8)
- 9)
- 10)
- 11) 25 ANOS
- 12) NÃO
- 13) NÃO
- 14) SIM
- 15) SALA DE ÁULAS E VIDEO, ESPAÇO LÚDICO, SALA DE LEITURA E INFORMÁTICA
- 16) POR SEMANA
- 17) SATISFATÓRIO
- 18) SATISFATÓRIO
- 19) POR SEMANA
- 20) NO LOCAL E SUFICIENTE
- 21) TENHO APOIO DA COORDENAÇÃO (TRABALHAMOS COM PROTAGONISMO INFANTIL).

- 22) Tudo está se movendo com que eu planejo
- 23) Sim
- 24) Atividades de casa
- 25) Hora de compartilhar ideias e sentimentos
- 26) O livro fala através de gestos e expressões
- 27) Sim! Relaxamentos
- 28) Aclama!
- 29) Danças
- 30) Não
- 31) Focando as crianças externamente
- 32) Sala de aula, pátio
- 33) Sim! Caminhada

ANEXO -
E Sujeito 5

SUJEITO 5

RESPOSTAS:

- 1) 06/01/1963
- 2) feminino
- 3) Fiq. magistério / anos iniciais / Pedagogia Licenciatura
- 4) Pública - particular
- 5) 02/2000
- 6) O prazer de trabalhar com o ser humano.
- 7) não
- 8) Escola Pública
- 9) -
- 10) -
- 11) Desde 1984.
- 12) não
- 13) não
- 14) parcialmente
- 15) sala de recursos
- 16) elaborando rotina semanal
- 17) satisfatório
- 18) satisfatório
- 19) Língua Portuguesa, Matemática
- 20) 40h/semana
- 21) Qualificação - currículo oficial Ser - Escrivão / Escrevente
sala de aula

- 22) material, local, apoio adequado
- 23) Sim. em reuniões de estudos
- 24) Matific
- 25) manifestações diversas
- 26) informações transmitidas pelo corpo (gestos, olhares, expressões)
- 27) Pencas. Nas aulas do compasso (educação emocional) e em ocasiões pontuais (roda de conversa)
- 28) Condições / auto conhecimento
- 29) ativas
- 30) não
- 31) Ajuda no desenvolvimento emocional e intelectual
- 32) Sala de recursos, biblioteca
- 33) caminhada

ANEXO -
F Sujeito 6

SUJEITO 6

RESPOSTAS:

- 1) 29/10/65
- 2) Luminoso
- 3) Pedagogia
- 4) Particular
- 5) 1990
- 6) Lz magistério e gostar de ensinar
- 7) Especialização em crianças com necessidades especiais
- 8) Particular
- 9)
- 10) Aprofundar meus conhecimentos
- 11) Sim
- 12) não, no período integral
- 13) sim, abla particular
- 14) Sim
- 15) sala de aula, biblioteca, vídeo e quadra
- 16) Ativos da rotina semanal
- 17) Satisfatório
- 18) Satisfatório
- 19) Preferência polivalente - semanal
- 20) 40 h - Sim
- 21) Trabalho individual/agrupamentos fazendo as intervenções necessárias

- não tenho dificuldades e
- 22) Dificuldades não sanar a medida em que se apresentam pela equipe.
- 23) Sim, mediante reuniões de HPAs.
- 24) Sim, porque informática.
- 25) Linguagem é como peubo e entendo o outro através de várias formas e situações.
- 26) Quando o corpo fala expressando sentimentos de acordo com o que estou sentindo ou vivenciando.
- 27) Simo projeto Educação Emocional, onde é trabalhado com alunos os sentimentos, emoções e todo tipo de expressão corporal para que se sinta melhor.
- 28) Muito importante, onde através desse trabalho citados acima (questão 27) os alunos conseguem ver o outro como igual e perceber que os sentimentos são os mesmos.
- 29) Alguns ainda apresentam dificuldades de mostrar os seus sentimentos ou mostram de maneira agressiva. Fato a parir que aos poucos irá melhorar.
- 30) Creio que sim, vou expressar aquilo que senti.
- 31) Percebendo como o aluno se encontra e poder ajudá-lo a melhorar no que está incomodando.
- 32) Dependendo o tipo de aula, costumo usar biblioteca, quadra, informática, vídeo e multimídia.
- 33) Este ano não consegui organizar meus horários. Até ano passado fiz hidro, natação, dança e musculação. Quero voltar para melhorar corpo, disposição.
- 34) ...

ANEXO -
G Sujeito 7

SUJEITO 7

RESPOSTAS:

- 1) 819175
- 2) FEMININO
- 3) PEDAGOGIA, GEOGRAFIA
- 4) 2013 PARTICULAR
- 5) 2013
- 6) amor a profissão
- 7) —
- 8) —
- 9) —
- 10) amor a profissão
- 11) 13 anos
- 12) não, no momento em período integral
- 13) não
- 14) sim
- 15) sala de aula, jardim na hora da leitura, pátio em algumas aulas de matemática
- 16) através da rotina semanal
- 17) satisfatório
- 18) satisfatório
- 19) português e matemática de acordo com a grade curricular por semana, incluindo artes, educação emocional por semana.
- 20) 40 aulas semanais, um
- 21) Individual, equipamentos produtivos

22) Dificuldades não conhecidas qdo
 não se sabe o que como contrário não existe
 dificuldade e o amor a profissão torna-se tudo
 fácil qd
 23) Jim, Jim procura
prof/educação/
Coordenador e ao

24) Jim, levar as crianças ao computador e ao
 parque da escola, focalizando a sua aprendizagem

25) É um conjunto de entendimentos
 não só na escrita, como corporal, expressões.
 26) Sentimentos expressivos do ser

humano em geral.

27) Jim, através do trabalho em Educação
 Emocional, onde os seus sentimentos podem
 ser expressos de acordo com o comportamento

28) Através de um trabalho podemos reconectar
 o sentimento do aluno, fazendo um sentir
 o que outro sente.

29) Ainda com dificuldades de assimi-
 lar.

30) Jim-

31) Percebendo as atitudes do aluno
 para uma auto ajuda em suas percep-
 ções durante a aula.

32) Quadra, sala depende do projeto.
 macas da aula.

33) Bem-hada, descansar a mente,
 corpo e alma.

ANEXO -
H Sujeito 8

Sujeito 8

RESPOSTAS:

- 1) 24/06/55
- 2) feminino
- 3) Pedagogia / anos iniciais / licenciatura plena
- 4) Articular
- 5) 2005
- 6) Exerce o magistério e necessita de atualização, novos aprendizados ... melhorar a prática.

11) Já 28 anos

7) Não

8) -

9) -

10) -

11) Já 28 anos

12) Não

13) Não

14) parcialmente

15) sala de aula

16) elaborando rotina semanal

17) satisfatório

18) satisfatório

19) língua portuguesa, matemática, Ciências da Natureza

20) 40h /sem

21) diversificando - currículo oficial - Ler e Escrever / Escrita / matric / sala de leitura

- 22) material, local, grupo, ~~adquiridos~~
- 23) sim, em reuniões de estudos
- 24) NATIFICO
- 25) manifestação diversas
- 26) informações transmitidas pelo corpo (gestos, olhares, expressões faciais...)
- 27) Lucas. Nas aulas de compasso (educação emocional) ou em ocasiões pontuais (roda de conversa)
- 28) Conhecimento/auto conhecimento
- 29) lativos - voltados para brincar e jogar
- 30) não
- 31) Ajuda a planejar seus atos/movimentos (auto controle)
- 32) sala de aula / sala de leitura /
- 33) No momento não - mas gosto de caminhar e meditar.

**ANEXO –
I Sujeito 9**

SUJEITO 9

RESPOSTAS:

- 1) 30/12/1968.
- 2) Feminino.
- 3) Pedagogia (magistério).
- 4) Particular.
- 5)
- 6) Sempre disse que seria professora desde pequena.
- 7) Não.
- 8) —
- 9) —
- 10) —
- 11) \pm 25 anos
- 12) Não
- 13) Não
- 14) local sim. material muitas vezes é insuficiente.
- 15) Sala de aula.
- 16) Através da retina.
- 17) Satisfatório.
- 18) Satisfatório.
- 19) Por semana.
- 20) 40 hs. Sim
- 21) língua portuguesa. trabalho c/o Lere Exaver. (Projectos). matemática. trabalho c/o EMAJ. objectos dos desenvolvimentos propostos pelas actividades (grupo, dupla, etc.).

ANEXO -

22) Aqui é bom trabalhar, somos ^{um} grupo que queremos ver o melhor desenvolvimento do projeto, por isso trabalhamos todos integrados.

23) Sim. Através das de colaboração e participação de todos.

24) Sim. As lições de casa para reforçar o que quem deram.

25) É a mesma capacidade que temos de expressar nossos pensamentos.

26) É uma linguagem não-verbal, onde quem fala é o corpo.

27) Não.

28) Apesar de não fazer. É muito importante para o desenvolvimento das crianças.

29) Bons. São flexíveis e participativos.

30) Sim.

31) Formando autônomos, e é essencial a saúde física, emocional e intelectual.

32) Sala de aula.

33) Caminhada de vez em quando. É importante para o físico e em todos os aspectos de saúde.

J Sujeito 10

Sujeito 10

RESPOSTAS:

- 1) 13/09/1964
- 2) Feminino
- 3) Letras
- 4) Particular
- 5) 2003
- 6) Gosto de ler
- 7) Não
- 8) —
- 9) —
- 10) —
- 11) 18 anos
- 12) Não
- 13) Não
- 14) Sim
- 15) Sala de aula
- 16) Agrupamento produtivo
- 17) Satisfatório
- 18) Relacionamento respeitoso, acredito na pedagogia do amor.
- 19) Reflexão sobre o sistema de escrita alfabético-alfabetizado, alunos com dificuldades - semanal
- 20) Sim, 40 horas.
- 21) Jogos, cruzadinhas, cruzadão em papel pardo, escrever os nomes das palavras no rolinho, parlenda, cantigas populares, letras móveis, etc.

ANEXO -

- 22) Não tenho, desenvolvo meu trabalho da melhor maneira possível e com o material que tenho
- 23) Sim, com a participação de todos, nas reuniões, APC's, etc
- 24) Sim, sala de informática, sala Experimentos, sala de leitura, vídeo e também em torno da U.E
- 25) As diversas formas de se comunicar
- 26) Uma forma de se expressar
- 27) Sim, a brincadeira do silêncio
- 28) É muito importante, pois a prof. entende seu aluno pela maneira que está se comportando
- 29) Vêjo pela maneira como se comporta, quando chega quieto, calado é perceptível que aconteceu algo para deixá-lo dessa maneira.
- 30) Sim, é uma forma de se expressar.
- 31) Auxilia no conhecer melhor a criança, trabalhar com ela de maneira diferenciada
- 32) Na sala de aula de reforço, sala de leitura, sala de experimentos, informática e vídeo.
- 33) Sim, caminhada é importante para saúde de modo geral.

K Sujeito 11

ANEXO -

Sujeito 11

RESPOSTAS:

- 1) 10/12/62
- 2) Feminino
- 3) Pós graduação
- 4) Pública / Particular
- 5) 1999.
- 6) Por gastar.
- 7) Sim, Educação Especial
- 8) Unesp
- 9) 2014.
- 10) Por gastar
- 11) 15. Anos
- 12) não
- 13) não
- 14) Sala de aula / Biblioteca / Vídeo / sala de experimentos.
- 15) Aliarmente / Semanalmente.
- 16) Aliarmente / Semanalmente
- 17) Satisfatório
- 18) Satisfatório
- 19) bimestre
- 20) 40 horas semanais
- 21) Criatividade, uma proposta clara, motivação, entre outras.

- 22) dificuldades tempo/material
- 23) Parcialmente c/ a comunidade.
- 24) Sim/ Pesquisa Informática em casa.
- 25) É a maneira pela qual nos comunicamos por várias formas/escrita, oral...
- 26) É uma comunicação não-verbal, onde o corpo fala.
- 27) ~~Sim~~ Sim, temos a professora Especialista que desenvolve essas atividades.
- 28) Criar um ambiente gostoso para o aprendizado
- 29) Eles gostam e se divertem
- 30) Sim.
- 31) Pode ser usada como uma estratégia para melhorar e favorecer o ^{processo} ~~o~~ qualidade de Ensino-aprendizagem.
- 32) Pátio, sala de aula, Balco, entre outros
- 33) Caminhada./saúde, peso.

ANEXO –
L Sujeito 12

SUJEITO 12

RESPOSTAS:

- 1) 30/4/1958
- 2) Menorino
- 3) Superior Completo Pedagogia
- 4) Particular
- 5) 1983
- 6) Ser professora
- 7) 2
- 8) 232
- 9) 232
- 10) 232
- 11) 14 anos
- 12) Não
- 13) Não
- 14) Sim
- 15) Sala de aula, leitura, jogos, informática, flauta, porqueto.
- 16) Dependo com bastante antecedência, e também antes de sair, para caso haja algum contratempo.
- 17) Satisfatório
- 18) Satisfatório
- 19) Trabalho de acordo com o planejamento, plano de aula e programas.
- 20) 40 horas semanais, sim.
- 21) conhecimentos prévios, duplas produtivas, pesquisa, debate, produção textual (coletiva, individual), correção.

ANEXO -

- 22) Facilidade: apoio da equipe gestora, professores, funcionários e espaço escolar.
- 23) Dificuldade: falta da presença/acompanhamento familiar.
Sim, de acordo com as reuniões pedagógicas, HTPC, ATPC, reuniões de pais...
- 24) Sim, jornada da matemática. Através de jogos.
- 25) Forma de comunicação.
- 26) Forma de comunicação não verbal. Através de gestos, postura, expressões faciais, movimentos do corpo.
- 27) Desenvolver através do Programa currículo (educação emocional).
- 28) Apropriar-se dos movimentos, compreender suas dinâmicas, desenvolver a atenção, concentração...
- 29) desenvolvimento corporal a médio e longo prazo.
- 30) Sim.
- 31) desenvolvimentos da atenção, concentração, foco...
- 32) sala de aula, biblioteca, sala de vídeo, pátio, playground.
- 33) Nf.

M Sujeito 13

ANEXO -

SUJEITO 13

RESPOSTAS:

- 1) 29/08/1970
- 2) Feminino
- 3) Magistério - Licenciado Pedagogia
- 4) Pública
- 5) 1990
- 6) Influência familiar
- 7) Não
- 8)
- 9)
- 10)
- 11) 26 anos
- 12) Não
- 13) Não
- 14) Sim
- 15) Sala de aula e vídeos, espaço técnico, sala de leitura e informática.
- 16) Por semana.
- 17) Satisfatório
- 18) Satisfatório
- 19) Por semana
- 20) 40 horas - É suficiente
- 21) Sim, após a conclusão (trabalhar com o protagonismo infantil, levando em conta tudo que o aluno sabe e o que se espera alcançar)

22) Sento apelo da coordenação.

23) Sim, trabalhamos em conjunto de maneira colaborativa

24) Atividades ^{para} casa

25) Meus de comunicar ideias por pentimentos

26) O corpo fala através de gestos e expressões.

27) Linguagem corporal se refere a todas as nossas expressões através dos movimentos, assim como a expressão corporal.

28) Com suas expressões e postura podem motivar os alunos.

29)

30)

31) Com suas expressões e postura podem motivar os alunos.

32)

33) Não.

ANEXO –
N Sujeito 14

SUJEITO 14

RESPOSTAS:

- 1) 09/12/64
- 2) Feminino
- 3) Letra
- 4) Pública
- 5) 2005
- 6) Gostar de leitura / de livros etc
- 7) -
- 8) -
- 9) -
- 10) -
- 11) 23 anos
- 12) NÃO
- 13) não
- 14) Sim
- 15) Sala de aula, biblioteca, sala de vídeo
- 16) Rotina / planejamento
- 17) Plenamente satisfatória
- 18) Plenamente satisfatória
- 19) Remanal (textos diversos)
- 20) 40 horas remanens / Sim
- 21) Os melhores possíveis, para tornar as aulas prazerosas e enriquecedoras

ANEXO -

- 22) Tudo está de acordo com que eu planejo,
~~pois~~
- 23) Sim
- 24)
- 25) É o sistema através do qual o homem ~~se~~ ~~comunica~~ ~~seu~~ suas ideias e sentimentos, seja através da fala, da escrita ou de outros meios.
- 26) É uma forma de comunicação não-verbal, como: gestos, posturas, expressões faciais etc.
- 27) Sim! Relaxamento
- 28) De quando valia! Acalma!
- 29) Tranquilos
- 30) Não
- 31) Fazendo as coisas falarem, expressarem suas ideias, tomando-as críticas
- 32) Sala de aula, pátio
- 33) Sim! Caminhada

O Sujeito 15


ANEXO -

SUJEITO 15

RESPOSTAS:

- 1) 29/01/1959
- 2) Feminino
- 3) Pedagoga
- 4) Particular
- 5) 2011
- 6) Amor pela profissão
- 7) não
- 8) —
- 9) —
- 10) —
- 11) 18 anos
- 12) não
- 13) não
- 14) sim
- 15) sala de aula, sala de matérias experimentais, informática, sala de vídeo e horta.
- 16) Reparo com uma rememor. antecedência.
- 17) satisfatório
- 18) satisfatório
- 19) Rememal, de acordo com programa de ação, planejamento.
- 20) 40 horas rememais, sim.
- 21) Conhecimento prévio, duplas produtivas, pesquisas, debates, produção textual coletiva, individual, duplas e revisão.
- Horta → Conhecer terra, observar sua textura e cor. Reparar terra, plantar, regar, acompanhar germinação, crescimento até o momento de debitar.

- 22) Facilidades, temor opaco, apoio pedagógico, apoio físico e coletivo de trabalho. Dificuldades, algumas famílias ausentes.
- 23) Livro escrito por meio de: HPC, API, reunião pedagógica, reunião de pais.
- 24) Projeto Ache na escola. Trabalha comunicação por meio de contagem de pontos e a arte.
- 25) Qualquer meio sistemático de comunicar ideias e sentimentos por meio de signos convencionados, sons, gráficos, gestuais etc.
- 26) É se expressar por meio do corpo, se comunicar não-verbal por gestos, postura, expressão facial, movimento do olhar.
- 27) Sim, Educação Emocional do Projeto Compans.
- 28) É importante para acalmar, relaxar e concentrar.
- 29) Inquieta
- 30) Sim

- 31) sala de aula, pátio.
- 32)  Atenção, foco
- 33) Comunalizada